

ONDE INVESTIR EM 2022

BDRs e ações gringas

Bitcoin e criptomoedas

Bolsa

Dólar, ouro e proteções

Imóveis e FII

Renda Fixa

Um guia completo com as melhores
oportunidades em cada aplicação financeira

seudinheiro®



Caro leitor,

Imagine o ato de investir como uma viagem de trem que passa por várias estações.

Você pode desembarcar na parada da Renda Fixa, aquela em que você está acostumado a descer e agora parece reformada e atrativa.

Ou então optar pela estação da Bolsa, que já foi o ponto principal de muita gente, mas ficou largada e perigosa nos últimos tempos.

Os mais ousados podem ir até o ponto dos BDRs, que faz conexão com o aeroporto internacional, e ainda conhecer a descolada – e arriscada – estação das criptomoedas.

Com eleições, juros altos e pandemia, a viagem promete alguns solavancos no meio do caminho. Mas o Seu Dinheiro está aqui justamente para ajudar você a encontrar os melhores lugares.

Nas páginas a seguir você vai encontrar um guia de cada uma das estações dos principais investimentos. O destino? Fazer o seu dinheiro render em 2022.

Boa leitura!

Índice

Bolsa - Página 05

- **As ações para comprar na bolsa em mais um ano que promete ser turbulento**

Renda fixa - Página 16

- **Os melhores investimentos de renda fixa, que tem tudo para ser 'a estrela do ano'**

Bitcoin e criptomoedas - Página 30

- **Bitcoin (BTC) pode enfrentar outro 'longo inverno', mas criptomoedas ligadas a NFTs e DeFis ainda podem deixar você milionário**

Criptomoedas e metaverso - Página 44

Metaverso virou a palavra do momento, mas vale a pena investir em criptomoedas de um projeto que ninguém entende direito?

Imóveis e FII - Página 52

Fundos imobiliários estão baratos e podem render apesar do juro alto; confira os favoritos dos especialistas

BDRs e ações gringas - Página 69

BDRs e ações estrangeiras têm um cenário animador adiante, apesar dos juros em alta

Dólar, ouro e proteções - Página 82

Como ter dólar e ouro e fazer hedge de verdade para proteger os seus investimentos



Bolsa

As ações para comprar na bolsa em mais um ano que promete ser turbulento

Com um cenário macroeconômico complicado e a proximidade das eleições, os especialistas apostam nas ações de bancos, proteínas e papel e celulose; confira as indicações

Jasmine Olga

As primeiras semanas animadoras de 2021 e o primeiro semestre cheio de expectativas promissoras, mesmo diante de uma nova e avassaladora onda do coronavírus, parecem quase uma lembrança de outra vida quando comparadas ao caos e cautela que se instalou na bolsa durante a segunda metade do ano.

Em poucos meses, o processo de vacinação – que começou lento

e se tornou uma surpresa positiva —, **foi quase completamente varrido do noticiário**, dando lugar aos atritos políticos em Brasília, a escalada da inflação e a corrida do Banco Central para tentar segurar a elevação dos preços.

Além disso, as tão esperadas reformas foram escanteadas e deram lugar à preocupação com o estado das contas públicas brasileiras, cada vez mais deterioradas pelas manobras em torno do teto de gastos.

A mudança brusca de cenário pegou muita gente de surpresa e frustrou não só as projeções positivas feitas no calor dos primeiros momentos do ano, mas também o que seria a grande tese de investimentos de 2021: **a reabertura econômica pós-pandemia**.

Tantas frustrações levaram a um fim de ano melancólico e a perspectiva de que 2022 se torne ainda mais difícil de navegar, já que os próximos passos do Banco Central ainda são incertos, o mundo começa a ver uma diminuição da liquidez abundante dos estímulos monetários e entramos em um ano eleitoral.

Os especialistas ouvidos pelo Seu Dinheiro — **Ricardo Peretti**, *estrategista de ações da Santander Corretora*; **Victor Natal**, *estrategista de ações para pessoa física do Itaú BBA*; **Daniel Utsch**, *gestor do Fator Sinergia*; **William Leite**, *sócio da Helius Capital*; e **Tomás Awad**, *sócio fundador da 3R Investimentos* —, possuem algumas divergências, mas todos têm um recado em comum:

*Senhores passageiros, apertem os cintos!
Estamos entrando nos céus de 2022, com
probabilidade de grandes turbulências pelos
próximos 12 meses.*

O que deu errado?

O início da imunização em escala global nos primeiros meses do ano e os problemas brasileiros para aprovar e receber as vacinas repercutiram no mercado, mas foram diluídos pela reabertura econômica internacional.

A bolsa chegou a renovar as máximas e as projeções que mostravam o principal índice da bolsa finalizando 2021 na casa dos 130 mil pontos pareciam até conservadoras.

Apesar dos enrosocos, a vacinação brasileira fluiu melhor do que o esperado e essa deixou de ser uma preocupação e deu força à tese de reabertura, focada em empresas ligadas à economia doméstica.

A inflação e a elevação da taxa de juros por parte do Banco Central, no entanto, foram grandes vilões.

Embora uma normalização da Selic já fosse esperada, ninguém imaginava que a taxa fecharia o ano encostando na casa dos 10%, alimentada pela disparada dos preços e uma crise político-fiscal interminável em Brasília.

No fim, a reabertura realmente aconteceu, e o índice de mobilidade retornou aos patamares pré-pandemia. Mas os ativos domésticos na bolsa não conseguiram entregar aquilo que o mercado esperava, descolando completamente do movimento visto no exterior. Nem mesmo os bons **balanços do terceiro trimestre** salvaram o índice da queda.

Mesmo para os mais céticos em relação ao cenário positivo traçado pelo mercado no início do ano, o resultado de 2021 surpreendeu – e para pior. Foi o caso de Tomás Awad, da 3R Investimentos.

“Nós já projetamos que a pandemia poderia dar mais um susto e que a recuperação poderia ser mais lenta. Fomos céticos também quanto ao Banco Central. O Brasil não é país para juros negativos ou um forward guidance. Ainda assim a inflação nos surpreendeu negativamente, pois esperávamos algo em torno de 6%”

O x, y e z da questão

A cautela que permeia as projeções iniciais dos economistas vai muito em linha com o que 2021 entregou e leva em conta as inúmeras variáveis ainda desconhecidas sobre o que nos espera.

O desemprego e a deterioração da renda das famílias afetam as expectativas de lucro das empresas, assim como a Selic em alta e a inflação acima da meta. Isso sem falar nas eleições presidenciais que se aproximam...

O panorama não parece nada amigável, mas os analistas ouvidos pelo Seu Dinheiro acreditam que o pior já está refletido nos preços das ações na B3 — ainda que o Itaú BBA e a 3R Investimentos tenham suas ressalvas.

Se a visão mais otimista prevalecer, há espaço para que notícias positivas sejam gatilhos de alta valorização para a bolsa. Isso não descarta também a possibilidade de uma volatilidade aumentada caso exista alguma deterioração extra no ar.

A situação global também entra na equação, com a elevação de juros nos Estados Unidos já contratada e as consequências de uma desaceleração da economia chinesa. Mas para os especialistas o pesado noticiário local deve mais uma vez se sobrepôr ao quadro internacional.

O pé no freio na bolsa, no entanto, não deve seguir ao longo de todo o ano.

Para Ricardo Peretti, do Santander, o Ibovespa pode caminhar e fechar o ano acima dos 120 mil pontos a partir do momento em que houver mais visibilidade para o mercado. Ou seja: sinais mais claros do desenrolar do processo eleitoral e uma definição da meta do

Banco Central para a inflação.

Confira algumas das projeções para o Ibovespa em 2022:

- Goldman Sachs: cenário-base de 116.000 pontos
- BTG Pactual: cenário-base de 132.000 pontos
- JP Morgan: cenário-base de 132.000 pontos

Lula ou Bolsonaro, qual o melhor para a bolsa?

Outro recado unânime dos especialistas é de que ano de eleições sempre é turbulento, mas o pleito de 2022 promete ser ainda mais complicado. Não só pela polarização que toma conta do país, mas pela incerteza sobre os planos de governo que serão adotados.

Um gestor experiente que conversou com o Seu Dinheiro afirma que, diante do que sabemos até agora, o pior cenário para o mercado e para a bolsa seria uma reeleição de Jair Bolsonaro.

“Caso isso ocorra, ele chegará fraco politicamente para um segundo mandato, muito mais na mão do Centrão. É verdade que todos precisam negociar com o bloco de centro, mas a forma que Bolsonaro faz isso é completamente errada.”

Para dois gestores — Daniel Utsch, do Fator Sinergia, e William Leite, da Helius Capital —, o cenário-base parece ser o de uma volta de Luiz Inácio Lula da Silva ao Palácio do Planalto, com um alinhamento

mais ao centro. Caso a vitória de Lula se materialize, ainda restam dúvidas sobre o plano de governo a ser adotado.

“Não vejo nenhuma razão para uma reação brusca dos investidores, a menos que se fale em reestatização, revogação da reforma da previdência e outros posicionamentos considerados mais radicais”, aponta o gestor do Fator Sinergia.

Tomás Awad, da 3R, projeta que o mercado ensaie uma lua de mel com o vencedor, mas lembra que o novo ocupante da cadeira presidencial terá um grande desafio para solucionar os problemas sociais e colocar o país novamente no caminho do crescimento.

Apesar da discussão focar em Lula e Bolsonaro, os especialistas apontam a “terceira via” como o caminho predileto do mercado pela maior disposição reformista e discurso mais alinhado ao que os investidores gostariam de ouvir. Mas, até agora, nenhum nome foi oficializado ou parece ter força suficiente para rivalizar com os dois principais candidatos.

Ou seja, embora exista um cenário-base, não há uma definição do que pode ocorrer. Assim, a tendência é que a bolsa brasileira só ganhe tração no segundo semestre, com maior visibilidade sobre o cenário eleitoral e até onde o Banco Central irá para tentar segurar a inflação.

As ações para investir na bolsa em 2022

Ninguém nega que a bolsa está barata no atual nível, mas pode ser que ainda não seja hora de arriscar. Afinal, nunca se sabe se o

cenário não pode voltar a surpreender negativamente, por mais que as adversidades estejam bem precificadas.

Seguindo o movimento que já vimos em 2021, os analistas e gestores buscam proteger suas carteiras e apostam em **ações que tenham um caráter mais defensivo**, exposição significativa ao mercado internacional e que consigam surfar bem a alta de juros.

Os setores favoritos dos especialistas consultados pelo Seu Dinheiro são, de forma quase unânime, o **financeiro**, e de **proteínas e papel e celulose**.

Para os analistas, o forte balanço dos bancos e o bom provisionamento feito durante a pandemia abrem espaço para que eles consigam surfar um cenário melhor na bolsa diante da alta dos juros sem grandes sustos.

Utsch, do Fator Sinergia, cita também a desaceleração do chamado financeiro deepening, o movimento de saída dos clientes dos bancos rumo a outras plataformas e fintechs, como um elemento positivo para as instituições tradicionais.

A Helius Capital aposta em **Itaú (ITUB4)** e **Santander (SANB11)**, enquanto o Itaú BBA vê as ações do **Banco do Brasil (BBSA3)** com uma grande oportunidade de ganhos, já que os papéis estão descontados, na visão dos analistas.

Victor Natal, do Itaú BBA, aponta que embora teses de crescimento não sejam a preferência na bolsa, as ações do **Banco Inter (BIDI11)**

também podem surgir como uma oportunidade pontual. “É uma ação muito barata hoje, com um potencial de retorno maior do que 100%.” Quando o assunto é papel e celulose, a empresa mais citada pelos especialistas foi a **Suzano (SUZB3)**. A expectativa é que, como se trata de uma commodity cíclica, o pior já passou e a companhia se encontra preparada para o futuro.

De olho nos preços baixos dos bois nos Estados Unidos, o que aumenta a margem das companhias que atuam no país, a preferência no setor de proteínas ficou com **JBS (JBSS3)** e **Marfrig (MRFG3)**.

Enquanto a maior parte das casas não aposta as fichas no setor voltado para a economia doméstica, a Helius Capital acredita que **Iguatemi (IGTI3)** e **brMalls (BRML3)** podem surpreender.

Já a 3R Investimentos aposta em uma estratégia diferente, renunciando a papéis que dependem de renda, juros e financiamento e vendo com bons olhos setores de consumo essencial. Dentre as apostas na bolsa estão **Vulcabras (VULC3)**, **Pão de Açúcar (PCAR3)** e **Hypera Pharma (HYPE3)**, que possuem marcas acessíveis.

Enquanto isso, as ações que um dia figuraram como as grandes vencedoras da fase inicial da crise da covid-19, como **Magazine Luiza (MGLU3)** e outras gigantes do e-commerce, são observadas de longe, já que o menor poder de compra das famílias, aliado a uma inflação salgada e juros mais altos atrapalham o consumo.

“Até acreditamos que os papéis possam estar baratos, mas o ponto não é esse. Além de estar com um preço atrativo, essas empresas precisam entregar o resultado que prometeram diante de uma competição muito alta”. -

Victor Natal, Itaú BBA

conteúdo patrocinado

Bolsa está barata - e você pode capturar esses ganhos sem ficar ‘escolhendo’ ações

O Ibovespa despencou no segundo semestre de 2021. De uma máxima acima de 130 mil pontos, o índice quase perdeu a marca dos 100 mil. Tudo isso com as empresas apresentando resultados e lucros similares aos que eram observados anteriormente.

Qual a razão para essa baixa, então? O risco. São muitos temores para 2022: eleições, ômicron, questão fiscal, inflação, juros, etc.

A boa notícia: é provável que o mercado já tenha precificado alguns cenários ruins - e por isso os preços estão baixos. Talvez estejamos próximos do ‘fundo do poço’ - e qualquer notícia animadora pode alavancar ações de empresas que estão subestimadas.

Por meio [**deste investimento**](#), você aplica seu dinheiro nas ações

com o maior potencial de ganho na bolsa brasileira, tudo isso diversificando em setores como financeiro, commodities e consumo.

Basicamente, ele segue a carteira de investimentos de um dos profissionais mais respeitados do mercado e que mais de 150 mil brasileiros pagam para ter acesso.

**APROVEITE O POTENCIAL DE ALTA DA BOLSA EM 2022 COM
POUCOS CLIQUES E SEM COMPLICAÇÃO**



Renda fixa

Os melhores investimentos de renda fixa, que tem tudo para ser ‘a estrela do ano’

Agora que a renda fixa “ressuscitou”, há oportunidades em todos os segmentos dessa classe de ativos, para todos os perfis de investidor

Julia Wiltgen

Depois de um ano de juros baixos e inflação elevada, o investidor brasileiro entra em 2022 com um cenário bem mais propício para a outrora esquecida **renda fixa**.

Declarada “morta” quando a Selic estava em 2% ao ano, cenário que perdurou até março do ano passado, essa classe de ativos foi voltando ao radar dos investidores ao longo de 2021, à medida que foi oferecendo remunerações cada vez mais interessantes.

Ao mesmo tempo, a volta com tudo da inflação demonstrou a importância de se ter, na carteira, ativos cuja remuneração seja corrigida por um índice de preços, ainda que eles se desvalorizem pontualmente, como foi o caso dos títulos públicos atrelados ao IPCA em 2021.

Para 2022, espera-se um ano de muita turbulência nos mercados por conta da pandemia, das eleições presidenciais e das decisões do Federal Reserve, o banco central americano, em relação aos juros.

Também devemos ver a taxa básica de juros, que já está num patamar razoável, subir um pouco mais, ao mesmo tempo em que a inflação vá sendo controlada.

Neste cenário, a renda fixa deve apresentar muitas oportunidades de ganhos, mas não só isso. Ela deve cumprir também um importante papel de proteção contra as turbulências. Afinal, mesmo os investimentos mais conservadores do mercado estão voltando a ficar interessantes.

Assim, como bem disse um dos entrevistados para esta matéria da série sobre Onde Investir em 2022, a renda fixa deve ser “a estrela do ano”.

O que esperar para 2022

Com a continuidade da pandemia - agora com a supertransmissível variante ômicron - e eleições presidenciais no Brasil, já devemos esperar que 2022 seja um ano de alta volatilidade em todos os mercados.

Para agitar um pouco mais o ano, as questões fiscais deverão continuar em pauta, principalmente considerando a pressão para o governo gastar mais, de olho na reeleição do presidente Jair Bolsonaro; e o banco central americano deve elevar os juros, movimento este que pode ser antecipado, caso a inflação por lá não apresente muita melhora.

E esses são só os riscos conhecidos; obviamente ainda pode haver surpresas pelo caminho, tanto para o bem quanto para o mal.

Então, de saída, já dá para ver que, com uma rentabilidade bem mais interessante que a dos últimos anos, a renda fixa terá um papel bastante importante nas carteiras dos investidores.

“A renda fixa será uma classe de ativos mais presente para os investidores. Mesmo os fundos de pensão estão reduzindo um pouco a alocação em ativos de risco para privilegiar a renda fixa. Nesta classe de ativos, todos os preços hoje estão mais atraentes”, diz Marc Forster, head da operação da Western Asset no Brasil.

Investidores conservadores agradecem

Os ativos mais conservadores, atrelados à Selic e ao CDI, vão agir como um colchão de segurança para a carteira, para além da reserva de emergência. Afinal, agora será possível obter boas rentabilidades nesta subclasse.

A Selic já subiu bastante, chegando a 9,25% ao ano, mas ainda são esperadas novas altas no primeiro semestre, e depois uma

manutenção num patamar de dois dígitos. Atualmente, o mercado espera que a taxa básica termine 2022 em 11,50%, o que beneficiaria os investimentos pós-fixados.

Ao mesmo tempo, a expectativa é de que a inflação ceda, o que pode vir a garantir um juro real positivo, isto é, que os ativos pós-fixados finalmente voltem a ganhar da inflação. A projeção do mercado, por enquanto, é de IPCA em 5,03% em 2022.

conteúdo patrocinado

Segurança, liquidez e rentabilidade de dois dígitos: descubra o melhor investimento para sua reserva de emergência

Toda carteira necessita de uma reserva de emergência. Esse dinheiro normalmente corresponde àquele que precisamos usar em caso de uma eventualidade, mas também vale para os montantes que queremos ter disponíveis, mas sem deixar “parado na conta”.

Para ter uma boa reserva, é preciso que a aplicação atenda, essencialmente, a dois critérios:

- **Segurança:** é um ativo previsível, que não oscila muito de valor;
- **Liquidez:** você pode vender a qualquer momento sem perder parte do seu dinheiro por isso.

Mas e se esse investimento trouxesse, além disso tudo, uma boa rentabilidade?

Pois é, muita gente não se atenta a isso e acaba deixando grana na mesa ao largar seu suado dinheirinho na poupança ou em aplicações que rendem pouco e cobram altas taxas.

Por isso, sugerimos um **investimento que acompanha a variação da taxa Selic**, que, conforme você viu acima, espera-se que chegue a 11,5% em 2022.

Além desse rendimento de dois dígitos, seu dinheiro ficará protegido pela instituição mais segura do país e você ainda poderá resgatar quando quiser, sem nenhuma punição por isso.

E o melhor: sem a cobrança de nenhuma taxa.

QUERO CONHECER O MELHOR INVESTIMENTO PARA MINHA RESERVA DE EMERGÊNCIA EM 2022

Retornos apetitosos nos prefixados e NTN-B

Já os ativos de renda fixa menos conservadores - crédito privado, títulos prefixados e indexados à inflação - poderão oferecer remunerações atraentes sem que o investidor precise correr tanto risco nas classes de ativos mais arriscadas, como as ações.

Com a alta da inflação, do risco fiscal e, conseqüentemente, dos juros futuros, ao longo de 2021, **os preços dos títulos públicos prefixados e indexados à inflação desabaram.**

Simultaneamente, porém, suas remunerações dispararam. Afinal, é isso que acontece quando o preço de um ativo dessa natureza cai - seu retorno esperado sobe.

Assim, quem adquiriu esses papéis nos piores momentos do ano passado conseguiu garantir rentabilidades superiores a 10% ao ano nos prefixados e a 5% ao ano + IPCA nos Tesouro IPCA+, também chamados de NTN-B. Ou seja, se esses investidores carregarem esses papéis até o vencimento, esse é o retorno que vão receber.

Essas rentabilidades ainda estão na praça, e são historicamente altas para esses tipos de títulos.

É claro que se a curva de juros se abrir mais - por exemplo, num momento de tensão pré-eleitoral ou com um novo ataque ao teto de gastos - esses títulos podem se desvalorizar pontualmente.

Mas se (ou quando) o mercado finalmente se acalmar, possivelmente após a definição do novo presidente da República, veremos os juros futuros recuarem novamente, devolvendo valor aos ativos.

Crédito privado para quem quer ganhar mais

Finalmente, o momento também é interessante para quem deseja uma rentabilidade um pouco superior à dos títulos públicos, seja entre os pós-fixados, os prefixados ou os investimentos indexados à inflação.

Títulos emitidos por bancos (como CDBs, LCIs e LCAs), bem como as debêntures, estão pagando bons prêmios acima do CDI ou da remuneração das NTN-B, mesmo no caso de emissores com risco de crédito reduzido.

“A renda fixa deve ser o grande destaque de captação e volume de recursos em 2022. Deve ser um ano desafiador do ponto de vista da atividade econômica, da inflação, e também do cenário político. Deve ter muita volatilidade. Já estamos vendo os fundos de crédito privado captando muito”, diz Mauro Orefice, diretor de investimentos da BS2 Asset, para quem a renda fixa “vai ser a estrela do ano”.

Mas afinal, onde investir em 2022 na renda fixa?

Vamos então falar de ativos específicos ou fundos para investir em cada um dos grupos mencionados no item anterior - do mais conservador para o mais arrojado.

Para a reserva de emergência e os investidores mais conservadores

Os títulos pós-fixados, que pagam a variação da Selic ou do CDI e, eventualmente, um prêmio sobre ela, são as alternativas mais certas para 2022, dada a expectativa de alta na taxa básica de juros para conter a inflação e sua posterior manutenção num patamar alto.

Assim, a sua reserva de emergência - que deve ser alocada em pós-fixados conservadores - voltará a ter uma rentabilidade interessante;

e mesmo uma parte maior da sua carteira de investimentos pode voltar a ser alocada nesse tipo de ativo.

Os investimentos de menor risco da nossa economia - ideais para reservas de emergência, objetivos de curto e médio prazo e investidores muito avessos a risco - são os bons e velhos títulos públicos Tesouro Selic, que podem ser adquiridos via Tesouro Direto; os CDBs de bancos grandes que pagam 100% do CDI com liquidez diária, oferecidos por essas instituições financeiras a seus clientes; e os fundos Tesouro Selic de taxa zero, oferecidos pelas plataformas de investimento Vitreo, BTG Pactual digital e Órama.

[Saiba mais sobre onde investir a reserva de emergência.](#)

Títulos pós-fixados menos conservadores, mas com proteção do FGC

Subindo um degrau na escala de risco, mas ainda permanecendo no nível do risco baixíssimo, estão as Letras de Crédito Imobiliário (LCI), as Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) e os CDBs de bancos médios, papéis que costumam pagar um percentual do CDI.

As duas primeiras não costumam ter liquidez diária, mas são isentas de imposto de renda e seu retorno líquido pode ser bem maior que o da maioria dos CDBs de prazo similar, especialmente quando emitidas por bancos médios.

Mas, mesmo sem liquidez diária, a variedade de prazos de LCI e LCA disponíveis é tão grande que não tem por que não investir. Basta casar o prazo do papel com o seu objetivo.

Já os CDBs de bancos médios costumam pagar mais de 100% do CDI, e também há alternativas para diversos prazos. A diferença é que o risco de calote dos bancos médios é maior que o dos bancos grandes.

Seja como for, CDBs, LCIs e LCAs sempre contam com a cobertura do Fundo Garantidor de Créditos (FGC) para aplicações de até R\$ 250 mil por CPF, por instituição financeira, totalizando R\$ 1 milhão por CPF em todas as instituições financeiras.

Caso o banco emissor do papel quebre, o fundo cobre o valor investido e a rentabilidade, e o investidor recebe o seu dinheiro de volta. Assim, desde que os limites de garantia sejam respeitados, são investimentos bem seguros.

Saiba mais sobre o funcionamento do FGC.

Fundos de crédito privado que buscam superar o CDI

Finalmente, para quem tem um pouco mais de apetite a risco, os fundos de crédito privado que buscam superar o CDI e investem primordialmente em ativos indexados ao CDI e à Selic podem ser uma boa pedida.

“Desde o início da pandemia, os spreads de crédito [diferença da remuneração dos títulos privados para os títulos públicos] aumentaram bastante e ainda não voltaram para os patamares pré-pandemia. A remuneração [da renda fixa privada] está bem boa historicamente”, diz Ulisses Nehmi, gestor da Sparta.

Segundo os especialistas que eu ouvi, desta vez o investidor nem precisa buscar os fundos de crédito high yield, aqueles títulos de dívida mais arriscados; o chamado crédito high grade, emitido por empresas boas pagadoras e com grau de investimento, já tem oferecido bons retornos.

“Dependendo do apetite por risco do investidor, há oportunidades tanto nos títulos soberanos [títulos públicos] quanto no crédito privado, pagando CDI + 1%, CDI + 1,5%, tudo com baixíssimo risco. Fundos que misturem os dois tipos de pós-fixados são bem interessantes”, diz Marc Forster, da Western Asset.

Já Mauro Orefice, da BS2 Asset, recomenda os fundos que investem em FIDCs, os fundos de direitos creditórios. “Um retorno de CDI + 3% ou CDI + 4% no contexto atual já me parece muito bom”, diz.

conteúdo patrocinado

Busque + 2% acima do CDI sem abrir mão da estabilidade

Aproveitar a Selic alta, provavelmente acima de dois dígitos em 2022 – e ainda superá-la -, tudo isso sem ter que encarar grandes riscos ou volatilidade.

Essa é a proposta **[deste investimento](#)**, que combina diversos produtos de renda fixa, de títulos públicos a debêntures e direitos creditórios, que costumam pagar mais do que os juros básicos. O objetivo é simples: ganhar o CDI + 2%.

Além da previsibilidade dos papéis, o investimento conta com a diversificação para minimizar eventuais riscos.

É o produto ideal para o investidor que flerta entre o conservador e o moderado, buscando uma rentabilidade extra sem sair da renda fixa, mas também pode ser usado na composição de uma carteira mais arrojada.

QUERO BUSCAR RENTABILIDADES ACIMA DO CDI SEM CORRER RISCOS ELEVADOS

Títulos públicos atrelados à inflação para se proteger da alta de preços

Subindo ainda mais na escada do risco, vêm os títulos públicos indexados à inflação, o Tesouro IPCA+ e o Tesouro IPCA+ com juros semestrais, também chamados de NTN-B.

Os preços desses papéis oscilam bastante, podendo inclusive dar retornos negativos aos investidores que os vendem antes do vencimento. Mas para aqueles que permanecem com esses títulos até o fim do prazo, eles preservam seu poder de compra, o que é um atrativo e tanto num país que tem períodos de inflação muito pressionada, como o ano passado.

Os especialistas que eu ouvi, no entanto, divergiram quanto aos prazos mais indicados, e também quanto às expectativas para a inflação, o que não só afeta na escolha do vencimento como

também na decisão entre alocar mais recursos em prefixados ou indexados ao IPCA.

Por exemplo, para André Kitahara, PM Macro da gestora AZ Quest, e para Ulisses Nehmi, da Sparta, o momento ainda é de inflação pressionada, o que torna os títulos Tesouro IPCA+ mais atrativos que os prefixados.

“Quando a gente começar a ver a inflação ceder, ao longo do ano, vai ser hora de migrar mais forte dos papéis indexados à inflação para os prefixados. Mas esse ainda não é o momento”, diz Kitahara.

Já para Nehmi, os prefixados são “o patinho feio da vez”. “Passam a ser mais interessantes num cenário de inflação controlada, em que você começa a vislumbrar uma queda de juros”, explica.

Ele gosta mais dos títulos indexados à inflação de prazos mais curtos, que já estão pagando taxas bastante elevadas - mais de 5% + IPCA - e cujos preços oscilam bem menos que os dos títulos longos. Kitahara, por sua vez, prefere as NTN-B longas.

Para levar até o vencimento, Marc Forster, da Western Asset, também prefere as NTN-B mais longas, embora ele seja do time que, no momento, prefere os prefixados aos indexados à inflação.

Investimentos prefixados para quando a inflação ceder

Ainda no lado das apostas com um pouco mais de risco, para quem acha que a inflação talvez ceda mais rápido do que o esperado, os títulos públicos prefixados são boas opções.

Atualmente, todos os títulos com esse perfil oferecidos no Tesouro Direto estão pagando mais de 10% ao ano, sendo que o mais curto, com vencimento em 2024, é o que está pagando mais: 11% ao ano.

Essas são as opções consideradas mais interessantes por Marc Forster, da Western, e também Mauro Orefice, da BS2 Asset.

“A inflação ainda está alta, mas já estamos começando a ver uma virada”, diz Orefice, referindo-se aos primeiros sinais, no fim do ano passado, de que a alta da Selic já está surtindo efeito sobre os preços.

Assim, ele explica que a gestora já tem feito posições prefixadas desde outubro, com o objetivo de ganhar com a valorização dos ativos conforme os juros futuros caem. E ele ainda considera interessante montar posições pré agora.

“Já estamos vendo revisão das projeções de IPCA para baixo”, diz Orefice. “Não estou tão preocupado com a inflação, e não descarto a possibilidade de o BC cessar a alta de juros antes do esperado”, completa.

Entre os prefixados, Orefice sugere os vencimentos mais curtos, como o Tesouro Prefixado 2024, no Tesouro Direto. Mas mesmo entre os títulos bancários pode ser interessante adquirir um pré. “Tem LCI de dois, três anos, que é o prazo ideal, pagando mais de 11% ao ano”, diz.

Fundos de debêntures incentivadas

Finalmente, na ponta dos investimentos arrojados, os fundos de debêntures incentivadas podem continuar tendo boa performance em 2022, com a aversão ao risco de bolsa e a busca dos retornos mais encorpados da renda fixa privada.

As debêntures são títulos de dívida de empresas, e as incentivadas são aquelas que são isentas de imposto de renda por financiarem projetos de infraestrutura. Elas costumam ter a remuneração atrelada a índices de preços, mas também podem pagar um prêmio sobre o CDI.

Há, portanto, risco de crédito maior do que o dos títulos públicos - o pagamento depende da saúde financeira da empresa emissora -, além de volatilidade de preços, pois debêntures também são ativos negociados em mercado secundário.

Atualmente, há alguns fundos de debêntures incentivadas acessíveis à pessoa física que têm cotas negociadas em bolsa, como se fossem ações. Eles costumam pagar rendimentos isentos de IR, e os gestores não são obrigados a vender seus ativos às pressas (e a preço de banana) em caso de fuga dos investidores do fundo numa crise, por exemplo.

É que esses fundos não permitem resgates. O investidor é obrigado a vender a cota em bolsa para outro interessado para sair da aplicação. Assim, um movimento forte de vendas derruba o preço da cota, mas não permite que a carteira do fundo tenha grandes perdas com os seus ativos, o que é um fator a mais de proteção para o investidor que permanece no fundo.



Bitcoin e criptomoedas

ONDE INVESTIR

Bitcoin (BTC) pode enfrentar outro 'longo inverno', mas criptomoedas ligadas a NFTs e DeFis ainda podem deixar você milionário

Em 2021, o valor global das criptomoedas mais que triplicou: são mais de US\$ 2 trilhões em crypto, sem contar NFTs, DeFis e outros projetos em criptografia e blockchain

Renan Sousa

Acompanhar o crescimento do mercado de **criptomoedas** é como seguir um bom time de futebol que começou pequeno mas alcançou a primeira divisão em pouco tempo.

Em 2021, o valor global das moedas digitais mais que triplicou de

tamanho: são mais de **US\$ 2 trilhões em cripto**. Isso sem contar **NFTs, DeFis** e outros projetos em **criptografia** e **blockchain** sobre os quais você vai ouvir falar nesta reportagem.

É verdade: os últimos meses foram sofridos, especialmente para o **bitcoin (BTC)**, que acumulou perdas de quase 20% em novembro e dezembro.

Contudo, o saldo de 2021 ainda é positivo, com a maior **criptomoeda** do mundo avançando 59,60% no ano passado, de acordo com o **Crypto Rank**.

E com a diversificação do mercado este ano, já não podemos mais falar em “**criptomoedas**” apenas. Apesar da grande volatilidade, o **bitcoin** vem ganhando aceitação como uma reserva de valor e, cada vez mais, assume o papel de “ouro digital”, em razão da escassez programada da moeda digital.

O **ethereum (ETH)**, por outro lado, está ligado ao desenvolvimento de projetos e foi a primeira — e maior — **blockchain** a permitir a implementação de protocolos de **certificados digitais (NFTs)** e **finanças descentralizadas (DeFis)**.

Sem falar nas inúmeras possibilidades dentro desses universos. A **blockchain** do **ETH** permitiu o surgimento de outras **criptomoedas**, como a **Solana (SOL)** e **Polkadot (DOT)**.

Como se não bastasse, ainda houve o *boom* das *meme-coins*, as criptomoedas como **Dogecoin (DOGE)** e **Shiba Inu (SHIB)**, que não

são investimento, mas provam que a internet consegue se unir para apoiar projetos.

Com isso, nós dividimos essa matéria de **Onde Investir em Criptomoedas em 2022** por segmentos, com as perspectivas para o **bitcoin, criptomoedas** promissoras, **NFTs, DeFis** e, é claro, o **metaverso**, que **ganhou uma matéria especial e separada** desta para falarmos com calma do universo digital em construção.

conteúdo patrocinado

Não fique de fora dos potenciais lucros das criptomoedas mesmo sem entender nada do assunto

Uma das maiores dores de quem sabe do potencial das criptomoedas, lê quase todos os dias notícias sobre os lucros estrondosos, mas ainda não investe, é justamente não compreender o funcionamento desse universo.

E aqui não falo de entender as funções de cada criptoativo, mas sim das burocracias para negociá-los. Afinal, para fazer isso por conta própria, é preciso ter conta em uma exchange, ter uma carteira digital, ficar esperto com hackers e taxas, acompanhar a volatilidade 24/7 e ainda fazer uma declaração específica no Imposto de Renda.

Bem, esses problemas agora tem uma solução. **Estes fundos de criptomoedas** permitem que você aproveite o mercado de ativos digitais sendo um cotista, assim como acontece em fundos mais tradicionais, como de ações ou renda fixa.

É simples: você aplica em reais, em uma corretora normal, vinculada ao Banco Central, e os gestores são responsáveis por todos os perrengues, inclusive o principal deles: o de saber a hora de comprar e vender cada moeda.

O mais tradicional deles, por exemplo, entregou + 117% nos últimos doze meses.

**INVISTA EM CRIPTOMOEDAS SEM BUROCRACIAS NEM RISCOS
DESNECESSÁRIOS**

Bitcoin (BTC): um longo inverno se aproxima

A frase mais dita pelos analistas consultados foi: “isso pode não se concretizar”. Prever se o bitcoin chegará até os **US\$ 100 mil**, **US\$ 120 mil** é arriscado, porque fatores externos podem ser mais decisivos do que dados internos da rede (*blockchain*) da maior **criptomoeda** do mundo.

O mercado de **criptomoedas** ganhou mais adeptos e cresceu de tamanho em 2021, o que significa que quedas e altas mais intensas devem acontecer com uma frequência cada vez menor.

No início do ano, eram **760 milhões** de endereços e, em dezembro de 2021, mais de **918 milhões**, de acordo com dados do Glassnode (você pode conhecer as formas de investir em criptomoedas sem necessariamente comprar bitcoin [clikando aqui](#)).

Bitcoin: Number of Addresses



© 2021 Glassnode. All Rights Reserved.

glassnode

Contudo, a volatilidade deve acompanhar os investidores por mais alguns anos, e vale sempre reforçar que o investimento em **ativos digitais é altamente arriscado**.

Outro longo inverno?

Dito isso, o **BTC** vive um período entre *halvings*, quando a recompensa dos **mineradores** cai pela metade.

Recapitulando: o penúltimo *halving* aconteceu em **2016** e o último, em **2020**. Enquanto 2017 (portanto um ano depois) o **bitcoin** teve uma valorização de **1.369%**, 2018 foi o período conhecido como “**o longo inverno**”, quando a **criptomoeda** desabou **73,3%**.

“Eu acredito que possa ocorrer o que aconteceu em 2018 de novo, então os investidores terão um ano difícil pela frente”, afirma **André Franco**, especialista em **criptomoedas**.

Além disso, outro medo dos investidores envolve os **Estados Unidos**. O *tapering*, a retirada dos estímulos monetários, deve reduzir o dinheiro “de verdade” em circulação e retirar os recursos de ativos de risco, como **ações** e **criptomoedas**.

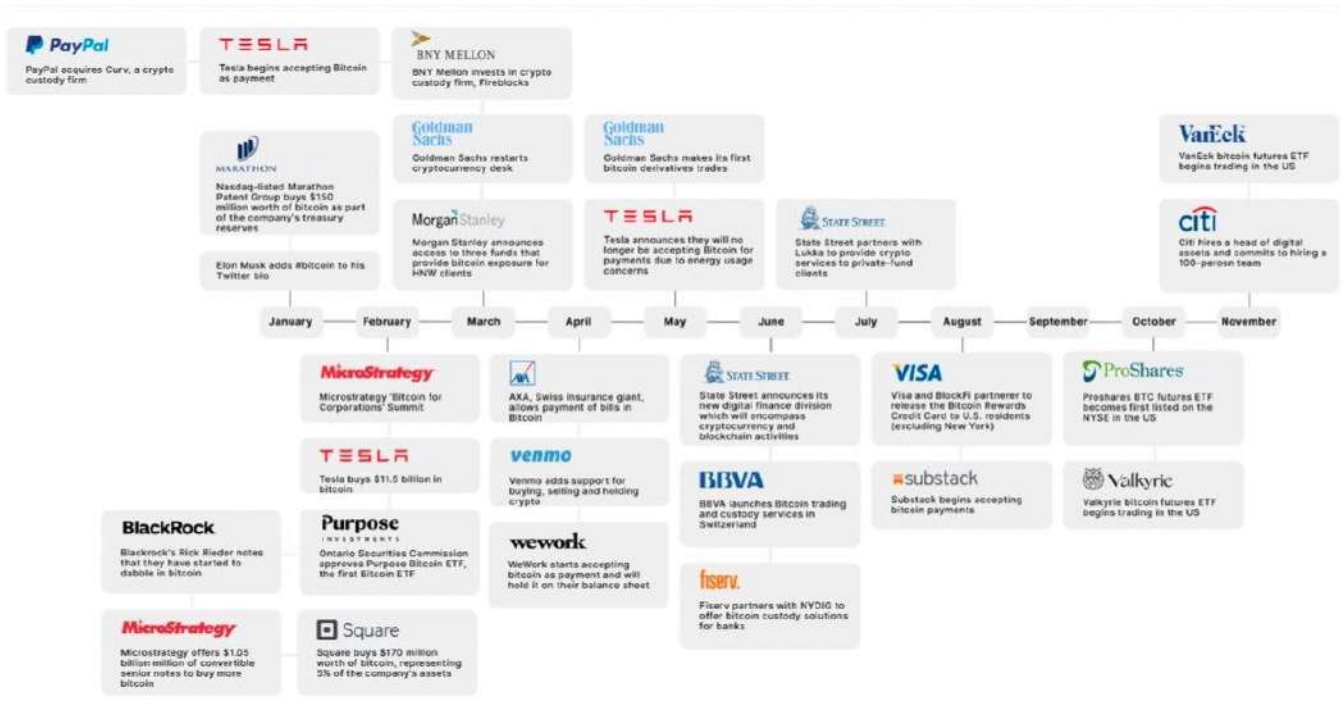
A lei de regulamentação e taxação de ativos digitais do Congresso americano segue como preocupação, mas os temores foram atenuados na **última reunião** entre congressistas e executivos de corretoras de criptomoedas (*exchanges*).

... **Mas vem sol?**

Por outro lado, além de popularidade, o **bitcoin** ganhou os holofotes neste ano e cada vez mais investidores institucionais começaram a entender e investir em ativos digitais. Naturalmente, o **BTC** é a primeira escolha por ser a maior e mais conhecida **criptomoeda** do mundo.

Abaixo, você confere um levantamento do The Block Research sobre as empresas que passaram a adotar **bitcoin** como reserva de valor ou oferecendo a **criptomoeda** como meio de pagamento:

2021 INSTITUTIONAL ADOPTION TIMELINE



THE BLOCK · Research

Segundo o relatório de Vinícius Bazan e Valter Rabelo, especialistas em **criptomoedas** da **Empiricus**, o ciclo de interesse e desenvolvimento de **tecnologia** dos ativos digitais entrou em um momento oportuno para a renovação de novas máximas.

Além disso, o **bitcoin** ganhou dois fortes aliados: a atualização **Taproot** permitirá a **criação de protocolos** dentro da **blockchain** do **BTC**, tornando o projeto mais parecido com o **ethereum** enquanto plataforma de desenvolvimento de aplicativos.

Por último, a **Lightning Network** ganhou popularidade com o aumento do uso do **bitcoin** como forma de pagamentos. É essa rede que permite a escalabilidade (crescimento) com segurança da **blockchain** do **bitcoin**.

Criptomoedas: descoladas do bitcoin

Saindo da sombra da maior **criptomoeda** do mundo, as altcoins – nome genérico para moedas alternativas ao **bitcoin** – devem caminhar com suas próprias pernas em 2022.

Isso porque os investidores começaram a entender que “**criptomoedas**” é um termo muito amplo, e os projetos em criptografia são cada vez mais diversos.

Dessa forma, as **criptomoedas** que devem ser destaque nos próximos anos estão relacionadas ao próprio design da **blockchain**, o desenho do próprio ambiente digital.

Em outras palavras, tenha em mente a seguinte comparação: o **aço** está para a criação de uma **cidade** como São Paulo assim como essas **criptos** estão para a criação do **ambiente digital** e do **metaverso**.

Segundo lugar das criptomoedas: até quando?

A primeira das **criptomoedas** que deve se descolar do **bitcoin** e ganhar vida própria é o **ethereum (ETH)**, a segunda maior moeda digital do mundo. Ela é a base não apenas para as **DeFis** e os **NFTs**, como também para outras **criptomoedas**.

O **ETH** já passou por testes de estresse por ter sido a primeira **blockchain** a permitir a negociação de finanças descentralizadas e emissão de certificados digitais.

Em um contexto em que a exclusividade no meio digital é cada vez mais necessária, o **éter** deve ter um espaço para subir ainda mais

em **2022**, depois de uma valorização de **451,90% em 2021**.

Criptomoedas que podem deixar o bitcoin e o ethereum “no chinelo”

O ethereum pode ser atrativo pela perspectiva de crescimento, mas o preço mais elevado em relação a outros projetos deve ser um impeditivo para a segunda maior **criptomoeda** do mundo. O éter iniciou 2022 com as cotações próximas aos **US\$ 4 mil**. O mesmo raciocínio se aplica ao **bitcoin**.

Com isso, existem outros projetos mais baratos, também relacionados à modelagem de **blockchain**, que também devem despontar.

Eles são a grande aposta para quem investe em criptomoedas de olho nos retornos exponenciais — aqueles que podem deixar você milionário. Mas é claro que grandes retornos vêm acompanhados de riscos igualmente elevados.

Confira a seguir as principais apostas dos especialistas entrevistados pelo **Seu Dinheiro**:

Solana (SOL)

É uma das maiores ethereum killers, criptomoedas que nasceram para superar o ethereum, e vem animando os investidores nos últimos meses. Ela consegue **vencer o problema da escalabilidade** do ether ao mesmo tempo que consegue manter as taxas baixas e com segurança.

Em 2021, a **Solana** registrou uma valorização de incríveis **11.179,50%**.

Polkadot (DOT)

Outra *ethereum killer*, a DOT surgiu com a ideia de ser uma plataforma para unir as blockchains em um único lugar e resolver o trilema da escalabilidade das criptomoedas. Esse problema envolve fazer o projeto crescer (escalabilidade) com segurança e eficiência (taxas mais baixas).

No ano passado, a **polkadot** acumulou alta de **187,40%**.

Avalanche (AVAX)

Com uma alta de **3.326,70%** no ano passado, a AVAX pretende ser uma blockchain com taxas de transação (*gas fees*) mais baratas e que também busca resolver o trilema das criptomoedas (escalabilidade, segurança e descentralização).

A **rede da Avalanche** é composta por três blockchains separadas: X-Chain, C-Chain e P-Chain. Cada uma delas busca resolver um dos três problemas.

Decentraland (MANA)

A rede blockchain da Decentraland busca ser uma espécie de “campo de testes” para novos projetos dentro do ambiente de web 3.0. A MANA é uma das primeiras blockchains integradas a jogos do tipo *play-to-earn* (jogue para ganhar, em tradução livre), como o **Axie Infinity**, o que aumenta a concorrência em relação às demais.

Não por acaso, as cotações da Decentraland subiram 4.069,40% em 2021.

Yield Guild Games (YGG)

Com a popularização dos jogos *play-to-earn*, a YGG é uma organização autônoma descentralizada (DAO) que investe em games desse tipo. A **criptomoeda** que se valorizou **203,70%** em 2021 e é uma alternativa para quem não pretende colocar todas as fichas em um único projeto ou não quer dividir seu dinheiro em diversos games possíveis, investindo em uma única empresa que aposta em uma “cesta” de criptomoedas de jogos play-to-earn.

Helium (HNT)

Com uma alta de **2.825,30%** no ano passado, o Helium (HNT) tem uma proposta revolucionária para o oferecimento de serviços de internet das coisas (IoT, em inglês). Além de fornecer conexão à internet descentralizada, ou seja, sem a necessidade de um provedor, essa blockchain ainda pretende ser o sistema que conecte todos os aparelhos inteligentes, como smartphones, televisões e etc.

“O Helium é um protocolo que está em crescimento e já oferece serviços na Europa e Estados Unidos. Por aqui, com os debates envolvendo a concessão do 5G, o HNT deve virar uma importante criptomoeda no futuro”, comenta Franco.

NFTs e DeFis: novas funções

Por último, mas não menos importante, os certificados digitais e as finanças descentralizadas devem desempenhar novos papéis no

mundo dos ativos criptográficos.

Adeus, artes

Os **NFTs** são negociados majoritariamente em duas formas: como arte ou como itens de jogos (não exclusivamente em games do tipo *play-to-earn*). Esse mercado chegou a movimentar **US\$ 1,05 bilhão** por semana em agosto deste ano, de acordo com o The Block Research.

Entretanto, no final de **2021**, o volume total negociado em **NFTs** caiu para pouco mais de **US\$ 70 milhões** e há quem diga que o boom de certificados digitais acabou.

Mercado de arte

Em se tratando de empresas envolvidas com **NFTs**, a OpenSea, maior plataforma de negociação de arte digital, pode trazer novas surpresas para o mercado.

Existem rumores de que a empresa estaria se preparando para uma nova captação de recursos — ainda maior do que nos últimos anos. Atualmente, a plataforma é avaliada em aproximadamente **US\$ 10 bilhões** em valor de mercado.

Ainda não está claro se será pelas vias tradicionais, como uma oferta inicial de ações (**IPO**, em inglês) em uma das bolsas americanas, ou pela emissão de uma **criptomoeda** própria. Entretanto, se isso ocorrer, será um grande passo para esse mercado.

Exclusividade

Mas os analistas estão confiantes que, em um mundo cada vez mais digital, os **NFTs** terão um papel cada vez mais claro. Como eu disse anteriormente, eles são usados para negociação de artes e games, mas são, antes de tudo, “**certificados**” **digitais**.

Em outras palavras, um **NFT** pode ser emitido para qualquer coisa ou item que precise ser exclusiva. Aqui vão alguns exemplos:

- Ingressos de shows;
- Documentos;
- Assinatura de documentos;
- Reconhecimento de autenticidade;
- Tokens de validação momentânea (como aqueles que você recebe ao precisar confirmar uma conta por e-mail, por exemplo).

Para este ano, é improvável que os órgãos de segurança, que emitem **RGs**, **CPFs** e outros documentos, entrem de cabeça no mundo digital e deem validade oficial a documentos emitidos em forma de **NFT**.

Por outro lado, é extremamente provável que os entusiastas do mundo **cripto** comecem a enxergar os certificados digitais para além do mercado de artes e da geração de itens exclusivos de jogos, e passem a ser usados para outras finalidades.

Finanças descentralizadas. Quem?

Já as **DeFis**, finanças descentralizadas, ainda enfrentam os mesmos

problemas que nós apontamos na matéria de “[Onde Investir no Segundo Semestre de 2021](#)”: as plataformas de negociação de **DeFis** precisam melhorar a experiência do usuário para ganharem o mercado.

Além disso, por se tratar de um novo conceito de negociação, empréstimo e crédito em criptomoedas (ou mesmo em dinheiro fiat, como dólar, real ou outras moedas) de pessoa para pessoa (*P2P* ou *peer-to-peer*) ainda existe certa desconfiança e estranhamento dos usuários que conhecem pouco esse mercado e como ele funciona.

Mesmo assim, o valor total armazenado em contratos de **DeFis** cresceu **280% em 2021** e chegou aos **US\$ 105,21 bilhões** este ano, segundo o DeFi Pulse.

**Colaboraram com esta matéria Andre Franco, especialista em criptomoedas, Lucas Schoch, CEO da Bitfy, Helen Hai, diretora da Binance NFT, Rodrigo Zobarán, analista de pesquisas quantitativas da Kinea, com informações da Binance Research, Messari Crypto Theses for 2022, Arcane Research, CryptoRank e Coin Market Cap.*



Criptomoedas e metaverso

Metaverso virou a palavra do momento, mas vale a pena investir em criptomoedas de um projeto que ninguém entende direito?

O metaverso é uma palavra nova e que empolga, mas é uma boa opção de investimento no mundo das criptomoedas?

Renan Sousa

O universo das **criptomoedas** é vasto e extenso. Não à toa, na nossa primeira matéria especial de [Onde Investir em 2022](#) houve uma divisão entre **bitcoin (BTC)**, criptos promissoras, **NFTs** e **DeFis** para falar especificamente de cada projeto e suas particularidades. Agora, focaremos na palavra mais procurada nos últimos meses: o **metaverso**.

O que é o metaverso?

A ideia de um universo digital e integrado não é nova.

Ele nada mais é do que uma realidade aumentada, um conceito que engloba aspectos **sociais, culturais e econômicos**. Dentro de uma mesma **plataforma**, é possível encontrar os amigos, ver shows, comprar arte, jogar e muitas outras coisas que são possíveis no mundo real utilizando um personagem (avatar) customizado.

Com o ambiente digital ganhando cada vez mais importância, plataformas ligadas ao **metaverso** devem ganhar destaque nos próximos anos, com a possibilidade de customização de personagens e ambientes para cada usuário.

As palavras “**metaverso**”, “**criptomoedas**”, “**peer-to-peer**”, “**blockchain**” e outros termos do universo de **ativos digitais** está cada vez mais presente no dia a dia das pessoas. Em um relatório da Empiricus assinado pelos especialistas Vinícius Bazan e Valter Rabelo, a popularização do **universo criptográfico** deve favorecer cada vez mais os **ambientes digitais**.

Meta X Metaverso criptomoedas

Antes de mais nada, existe uma diferença entre o ambiente digital criado pela empresa dona do **Facebook**, a **Meta**, e o **metaverso** do ponto de vista das **criptomoedas**.

A **Meta** (antigo **Facebook Inc**) se propõe a ser um ambiente debaixo do guarda-chuva de uma só empresa, onde o usuário terá ali diversos

serviços (mensagens, música, conta bancária etc.).

Em contrapartida, o ambiente digital **metaverso**, do ponto de vista do mundo **cripto**, é parecido no formato, mas muito diferente no desenho do projeto.

Enquanto o **metaverso** da **Meta** seria um espaço controlado por uma empresa oferecendo o serviço próprio ou de outras, o ambiente **metaverso** para as **criptomoedas** é um espaço totalmente **descentralizado**, em que os serviços são oferecidos por protocolos localizados naquela rede (*blockchain*).

“A falta de uma empresa por trás implica em uma maior liberdade dos usuários da rede, mas sem muita oportunidade para fazer uma reclamação no caso da falha de um protocolo, por exemplo”, afirma Rodrigo Zobarán, analista de pesquisas quantitativas da Kinea.

Onde investir no metaverso

Assim como os analistas estão otimistas com o futuro das **criptomoedas** focadas em design de **blockchain**, o **metaverso** precisará de um “tijolo” para se levantar, e algumas **criptos** podem despontar com o crescimento desse novo universo, segundo os especialistas ouvidos para esta reportagem:

Avalanche (AVAX)

Com uma alta de 3.326,70% no ano passado, a **AVAX** pretende ser uma **blockchain** com taxas de transação (*gas fees*) mais baratas e que também busca resolver o trilema das criptomoedas (escalabilidade, segurança e descentralização). A rede da Avalanche é composta por três blockchains separadas: X-Chain, C-Chain e P-Chain. Cada uma delas busca resolver um dos três problemas.

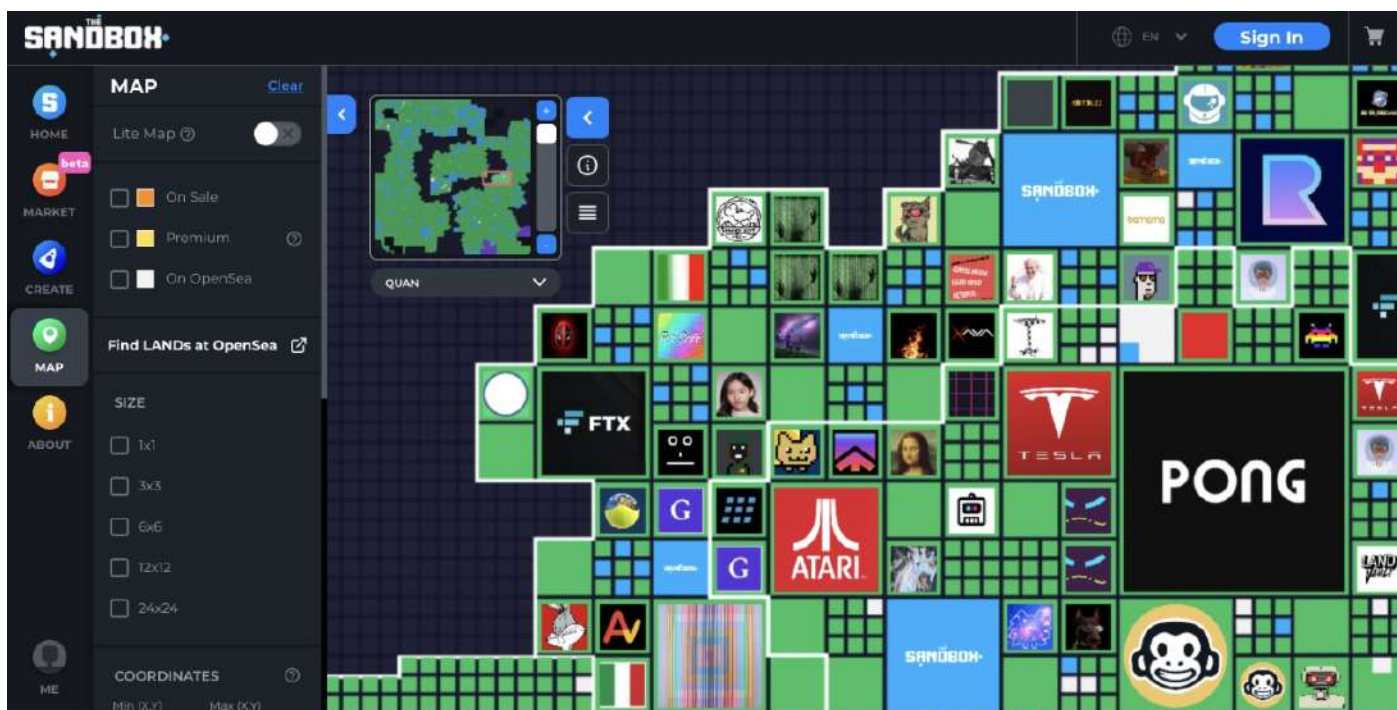
Decentraland (MANA)

A rede **blockchain** da **Decentraland** busca ser uma espécie de “campo de testes” para novos projetos dentro do ambiente de web 3.0. A MANA é uma das primeiras **blockchains** integradas a jogos do tipo *play-to-earn* (jogue para ganhar, em tradução livre), como o Axie Infinity, o que aumenta a concorrência em relação às demais. Não por acaso, as cotações da **Decentraland** subiram **4.069,40%** em 2021.

The SandBox (SAND)

Essa **blockchain** permite a criação de espaços dentro da internet, iguais a terrenos no mundo real, que podem ser comprados ou negociados. Veja abaixo uma ilustração do que seriam esses terrenos digitais. Sim, grandes empresas como **Tesla**, do bilionário **Elon Musk**, já garantiram terrenos no **Sandbox**.

Em 2021, a **criptomoeda** disparou **16.279,1%**.



Enjin Coin (ENJ)

Essa **blockchain** é mais voltada para o desenvolvimento de games, e compete diretamente com a **Decentraland** na construção de ambientes de teste para novos aplicativos, mas focado no mundo dos jogos. Ela foi a escolhida pela Microsoft para iniciar seu próprio projeto de **metaverso** e tem grande potencial de valorização, de acordo com analistas do mercado.

Não poderia ser diferente, a **ENJ** também tem uma valorização na casa dos milhares: a alta foi de **1.882%** no ano passado.

E não custa nada lembrar: **o investimento em criptomoedas é altamente arriscado. Por ser muito recente, o mercado é altamente volátil e, quanto mais recente o projeto, mais sujeito ele está aos solavancos.**

Meios de pagamento no metaverso

Vale ressaltar que **criptomoedas** focadas em meios de pagamento também devem ganhar destaque com o surgimento do **metaverso**. A integração dentro da rede **blockchain** permitirá a transferência de dinheiro de maneira segura e rápida, o que deve impulsionar o crescimento desse tipo de moeda:

Stablecoins

As moedas digitais com lastro ainda são mais utilizadas para reduzir os custos de negociação dentro da rede de outras **criptomoedas**. As maiores **stablecoins** do mundo tem paridade de 1 para 1 com o dólar americano, sendo que as maiores em valor de mercado, segundo o Coin Market Cap, são:

- **Tether (USDT)** – 4ª maior do mundo
- **USD Coin (USDC)** – 8ª maior do mundo
- **Binance USD (BUSD)** – 15ª maior do mundo
- **TerraUSD (UST)** – 21ª maior do mundo

Terra (LUNA)

De acordo com o [white paper dos desenvolvedores](#), a **Terra** é uma **blockchain** focada em pagamentos do dia a dia e que busca solucionar o problema da alta volatilidade das criptomoedas. Ela pretende se tornar o principal meio de pagamento no ambiente digital, unindo a proteção da criptografia em **blockchain** com a estabilidade de uma moeda comum. A alta expressiva em 2021 também impressiona: **12.889,4% em 12 meses**.

Além disso, **blockchains** e criptomoedas ligadas ao mundo dos **NFTs** e **DeFis** também devem se beneficiar do crescimento do **metaverso**.

A exclusividade que os certificados digitais, emitidos em forma de **NFT**, e a **descentralização das finanças** dos **DeFis** também fazem parte da construção de um ambiente digital mais livre.

Os meta-problemas

Apesar da empolgação com o **metaverso** e diversas empresas investindo em projetos de **NFTs** ou comprando por milhões de dólares terrenos digitais, a comparação com outros “universos da internet” que fracassaram é inevitável.

Existe a possibilidade de o **metaverso** não decolar em 2022 ou mesmo em três ou quatro anos. Assim como demais projetos em **criptomoedas**, os usuários precisam gerar engajamento suficiente para os protocolos crescerem e ganharem destaque no mundo digital.

Somado a isso, existe um fator social que pesa na internet nos novos tempos.

As pessoas foram forçadas a participar do mundo digital durante a pandemia de **covid-19** e, mesmo que as novidades da internet empolguem, há um certo “esgotamento emocional” com o ambiente digital que deve ter uma duração por tempo indeterminado.

Lei? Qual lei?

Por fim, a regulamentação do metaverso também deve ser um problema.

Enquanto as redes sociais, geridas por empresas, podem sofrer represálias e processos, o **metaverso** não possui um “presidente” ou qualquer companhia que faça a gestão daquele ambiente.

Se, por um lado, existe uma maior liberdade de ideias, por outro, a questão de crimes digitais, “cyberbullying” e outros podem afastar o usuário comum desses espaços como aconteceu com as **criptomoedas** no início.



Imóveis e FII

Fundos imobiliários estão baratos e podem render apesar do juro alto; confira os favoritos dos especialistas

Para quem tem dinheiro em caixa para fazer novas alocações, a queda do ano passado abriu uma série de oportunidades no setor

Larissa Vitória

A metragem do terreno, área construída, localização, reformas recentes e preços do entorno são alguns dos itens considerados na hora de definir o valor de **imóveis**. Todos ligados às características físicas do ativo. Em tese, a cotação dos **fundos de investimento imobiliários (FIIs)**, que são donos de imóveis como lajes corporativas, galpões logísticos e shopping centers, deveria seguir as mesmas variáveis.

A diferença é que, por serem **negociados em bolsa**, os FIs estão sujeitos às expectativas do mercado no momento em que as cotas são compradas e vendidas.

E, assim como as ações, o mercado de fundos imobiliários acabou refletindo os temas que prejudicaram o desempenho da bolsa ao longo de 2021, incluindo os ruídos políticos e fiscais que não param de chegar de Brasília.

Cuidado, a Selic vem aí!

Os FIs também têm um vilão particular que os persegue de tempos em tempos: **os ciclos de alta da Selic**. Pressionado pela inflação, o Banco Central elevou por sete vezes consecutivas a taxa básica de juros brasileira até chegar a 9,25% ao ano, maior patamar desde 2017.

Mas o que a pressão na curva de juros tem a ver com o desempenho dos fundos imobiliários? A resposta para essa pergunta passa por dois fatores principais.

O primeiro é que alta nos juros aumenta também os **retornos dos produtos de renda fixa**. O cenário é um prato cheio para alimentar os investimentos mais conservadores.

Na hora de calcular a rentabilidade e os riscos, os FIs acabam em desvantagem e perdem atratividade. Além disso, os juros salgados **encarecem as construções e o crédito**, incluindo os financiamentos de longo prazo — menos afetados que os de curto prazo, mas dos

quais o setor imobiliário é muito dependente.

Para 2022, o BC já sinalizou mais uma alta de 1,5 ponto percentual na Selic, mas os analistas indicam que o aperto não deve seguir por muito tempo. “Hoje, os mais conservadores falam em fim de ciclo a 10,75%, enquanto os mais agressivos apostam em 12,5% ao ano”, afirma André Freitas, sócio-fundador, CEO e CIO da Hedge Investments.

A queda

Há dois agravantes que acentuam ainda mais a sensibilidade do setor: a popularidade recente — o número de investidores cresceu de forma exponencial nos últimos dois anos — e o alto índice de investidores pessoas físicas nesse mercado (mais de 70%).

Os FIs têm um grande apelo da **isenção de imposto de renda** sobre os rendimentos que caem mensalmente na conta. Mas a inexperiência e a tendência para tomar as decisões mais com o coração do que com a calculadora levam o mercado a patamares em que o preço das cotas dos fundos muitas vezes não refletem o valor real de seus ativos.

“Quando temos uma crise, como no último ano, os FIs de melhor qualidade tendem a se desvalorizar mais, porque, como têm mais liquidez, é onde o investidor consegue sair da bolsa”, explica Rafaela Vitória, economista-chefe do Banco Inter.

O resultado? O **IFIX**, índice que mede o comportamento dos fundos imobiliários mais negociados na Bolsa, encerrou 2021 com um **recuo**

de **2,29%**. Foi o segundo ano seguido de queda do IFIX, que sofreu com o baque com a pandemia da covid-19.

A vida depois da queda

A notícia com certeza não agrada quem tem FIs na carteira e vê as cotas despencando. Agora para quem ainda não havia investido nesse setor ou tem dinheiro em caixa para fazer novas alocações, o cenário catastrófico do ano passado abriu uma série de **oportunidades**.

Com exceção dos fundos de papel – que investem em títulos de renda fixa relacionados ao mercado imobiliário e podem ser até beneficiados pela Selic crescente – os principais segmentos de fundos imobiliários de tijolos, ou seja, cujo patrimônio está em ativos reais, terminaram o ano com as cotas mais baratas.

Muitos deles estão abaixo até mesmo do **custo de reposição**, valor necessário para desenvolver novamente os imóveis do portfólio.

Diante disso, a opinião dos especialistas consultados pelo **Seu Dinheiro** – Rafaela Vitória, do Inter, Rodrigo França, da Devant Asset, André Freitas, da Hedge Investments, e Bruno Nardo, da RBR Asset – é unânime: essa é a hora de aproveitar os pontos de entrada e incluir fundos muito descontados e com bom potencial para dividendos na carteira.

Como identificar as oportunidades

Para isso, primeiro vale lembrar que comprar barato não é

sinônimo de bom investimento. Com 391 fundos listados na B3, é preciso separar o joio do trigo na hora de escolher o que entra na sua carteira em 2022.

Segundo Rafaela Vitória, quando falamos de imóveis, seja via FII ou investimento direto, o ponto principal de atenção para os investidores é a **qualidade do ativo**.

A análise desse elemento passa por fatores que englobam desde a localização e atuação daquele imóvel — ou seja, se será uma sala comercial, um galpão, uma loja, etc — “até se realmente há um mercado para aquele ativo na região”.

Por outro lado, a economista do Inter pede que o investidor **evite os fundos pouco diversificados** e com baixa liquidez: “nos FIIs monoativos, com um prédio só, por exemplo, há um risco muito grande de que, após eventuais mudanças estruturais, o local fique vago e haja dificuldades para repor o locatário”.

conteúdo patrocinado

Ganhe R\$ 120 para investir em fundos imobiliários e ainda tenha uma curadoria completa dos melhores FIIs

Assim como os imóveis sempre foram tradicionais investimentos para os brasileiros, os fundos imobiliários ganharam o coração dos investidores nos últimos anos.

Mas, com as incertezas da pandemia e os juros altos, esse amor

ficou parcialmente abalado.

Isso não é motivo para desespero, afinal a baixa é sempre o melhor momento para compras, mas, diante de um cenário de retomada, é preciso ser bem seletivo.

Por isso, **esta promoção** é a ideal para você que quer começar a investir em fundos imobiliários: a Empiricus está disponibilizando sua assinatura Renda Imobiliária, que traz os melhores ativos para investir - e a Vitreo depositará todo o valor gasto em cashback para uma conta em seu nome. Basicamente:

- Você paga, parcelado, 12 x 9,90 (R\$ 118,80);
- Recebe, de uma vez, R\$ 120;
- Ganha acesso às recomendações profissionais da casa sobre FIs;
- Faz o que quiser com o dinheiro;
- E ainda tem sete dias para cancelar, mas aí não recebe o cashback

**R\$ 120 DEPOSITADOS EM UMA CONTA NO SEU NOME: SAIBA
MAIS SOBRE A ASSINATURA RENDA IMOBILIÁRIA**

Os FIIs de lajes corporativas e o fantasma do home office

Além das dicas gerais, dentro de cada um dos segmentos de fundos imobiliários há características e comportamentos específicos que também influenciam o desempenho (e a escolha) dos ativos.

Um deles, que concentra as **lajes corporativas**, vem sofrendo desde 2020 com uma mudança nos ambientes de trabalho acelerada pela pandemia de covid-19. Entre novas ondas e variantes, permanece a incerteza de demanda com a adoção do home office ou o regime híbrido nos escritórios.

Mas, segundo Bruno Nardo, portfolio manager da RBR Asset, essa pulga atrás da orelha não se instalou por todo o Brasil. Ele afirma que, em regiões centrais, como Avenida Paulista e a Faria Lima, em São Paulo, ainda há demanda para bons imóveis.

“Apesar de um momento marginal de vacância, ainda estamos em níveis confortáveis, e bons imóveis corporativos nessas regiões têm tido capacidade até mesmo de aumentar o seu preço de aluguel”, diz Nardo.

Para André Freitas, da Hedge, esse é o **segmento que mais se valorizará neste ano**. “Embora o trabalho híbrido signifique menor ocupação, a necessidade de atrair os funcionários para o presencial fará com que tenhamos, efetivamente, uma procura para diminuir a densidade nos escritórios e por espaços de descompressão”, justifica.

Mas, afinal, em quais fundos imobiliários investir? Entre as melhores escolhas, os especialistas citam três opções:

- **CSHG Real Estate (HGRE11)** é o escolhido de Rafaela Vitória, do Inter. Ela explica que a vacância do FII hoje é alta para o setor, mas essa é justamente a oportunidade. “Os ativos podem rentabilizar de uma maneira ou outra: alugando os espaços, ou, eventualmente, vendendo-os com ganho de capital”.
- **JS Real Estate Multigestão (JSRE11)** é um dos preferidos de Rodrigo França, da Devant Asset, pela localização estratégica dentro da cidade de São Paulo, bons inquilinos, gestão e liquidez.
- **Tellus Properties (TEPP11)** é o fundo de interesse de Bruno Nardo, da RBR. O gestor aposta no portfólio composto por edifícios nos bairros Bela Vista, Pinheiros, Cidade Monções e Itaim Bibi — todos na cidade de São Paulo.

Os shoppings estão de volta ao jogo

Outro setor penalizado pelas medidas de distanciamento social foi o de **shoppings centers**. “Eles enfrentam um risco que ninguém tinha colocado na conta até agora, que é o risco de ter de fechar as portas”, resume o gestor da RBR Asset.

A pandemia ainda não foi embora, mas com a campanha de vacinação a todo vapor, a população está de volta aos shoppings e eles estão de volta ao jogo.

“Dependendo do portfólio, temos números até melhores do que os de 2019 nos últimos meses, depois da reabertura total das lojas”, indica Rodrigo França.

Segundo a Associação Brasileira de Lojistas de Shopping (Alshop), as vendas no Natal de 2021 superaram em 10% o mesmo período do ano anterior, mas ainda ficaram 3,5% abaixo do faturamento registrado em 2019.

E romper a barreira do patamar pré-pandemia não é o único desafio dos shoppings neste ano. Parte do mercado acredita que o modelo terá que se provar frente ao **e-commerce**, um competidor muito forte e que ganhou impulso adicional durante o período de isolamento social.

Para essa batalha, Freitas, da Hedge, acredita que os ativos têm uma carta na manga: “Os shoppings, no Brasil, são equipamentos de lazer em todos os sentidos. Desde os focados na classe mais alta, com restaurantes e serviços específicos, até os voltados às classes mais baixas, que contam com diversão muitas vezes gratuita”.

Se você também acredita na vitória dos shoppings, confira os FIs favoritos do segmento:

- **Hedge Brasil Shopping (HGBS11)**: “É um dos maiores fundos do setor, bem diversificado e com shoppings muito bem localizados nos grandes centros, que tendem a sofrer um pouco menos o impacto de fatores macro como o desemprego e as altas taxas de juros”, comenta Rafaela Vitória.

- **XP Malls (XPML11)**: Bruno Nardo, da RBR, exemplifica a importância de ativos bons e bem localizados no setor. “O fundo tem, por exemplo, o Catarina Fashion Outlet, que é um monstro de geração de caixa, no portfólio”, cita.

Galpões logísticos: surfando na onda do e-commerce

Já os galpões logísticos viveram uma situação inusitada em 2021: acompanhando a expansão do e-commerce, o setor também se aqueceu, mas as cotas não acompanharam o passo de crescimento.

Uma explicação para esse comportamento é dada pelo CEO da Hedge: “Dos três segmentos, é o que me causa mais dúvidas. A logística vai continuar crescendo, o problema está na falta de barreiras de entrada no setor. Ou seja, a grande disponibilidade de terrenos e a rapidez na construção não ajudam na valorização das cotas”.

Mas, para o gestor da Devant, o impasse é solucionado utilizando um recorte de localização: “Para aquele fundo com um ativo em uma região secundária, com contrato para acabar, o prognóstico não é tão bom. Já quando olhamos para as boas regiões, como Cajamar, ABC, Guarulhos e Embu, em São Paulo, é possível observar até repasses positivos nos preços de locação”.

Confira a seguir os fundos imobiliários favoritos de galpões logísticos:

- **LOG CP Inter (LGCP11)** é a escolha de Rafaela Vitória no segmento. Administrado pelo Inter, o fundo é baseado na Loggi, startup focada em logística, e em contratos não atípicos. Assim, segundo ela, “é possível fazer uma certa movimentação de locatários e incrementar aluguéis, o que reflete-se em crescimento dos dividendos”.
- **RBR LOG (RBRL11)**: Bruno Nardo também opta por um produto da casa na hora de revelar o favorito do setor. “Esse fundo foi constituído no momento em que queríamos muito alocar em logística e não encontrávamos valuations atrativos. Então decidimos criar um FII cujo portfólio tem o valor o mais próximo possível do custo de reposição de seus ativos”.

Fundos de papel triunfam no caos

Enquanto a alta dos juros perseguia a maioria dos segmentos de fundos imobiliários, um deles triunfava em meio ao caos da inflação e aperto monetário em 2020: os chamados **fundos de papel**, que investem em títulos de renda fixa relacionados ao mercado imobiliário.

Isso porque sua rentabilidade está normalmente atrelada a indexadores que se alimentam desse cenário, como o **Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA)** e o **Certificado de Depósito Interbancário (CDI)**.

“Por ser menos volátil, esse é um setor para quem, de fato, quer dormir tranquilo”, resume Rodrigo França.

Mesmo com o fim do ciclo de alta da Selic no horizonte, o CEO da Hedge concorda que a classe é uma boa opção:

“O BC não termina de subir a Selic para baixar já na reunião seguinte: ele deixa estável, depois estável novamente antes de programar uma queda, que começa devagar e, se for o caso, será acelerada. Então teremos juros expressivamente mais baixos apenas no último trimestre”

André Freitas, CEO da Hedge

Apenas Rafaela Vitória, do Inter, revelou seu favorito entre os fundos de papel: “Nesse setor recomendamos a alocação no **Kinea Índice de Preços (KNIP11)**”. O fundo investe em ativos de renda fixa de natureza imobiliária, principalmente os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) e Letras de Crédito Imobiliário (LCI).

A oportunidade das oportunidades

Agora que você já viu um panorama dos principais segmentos de fundos imobiliários, é hora de revelar aquele que é, na opinião de três dos quatro especialistas consultados, o melhor setor para investir em 2022: os **fundos de fundos (FOFs)**.

Como constroem seu patrimônio a partir da compra de cotas de outros fundos, os FOFs acabaram acumulando uma espécie de “**desconto duplo**” no ano passado. “É como comprar uma nota de R\$ 100 por R\$ 80”, afirma Bruno Nardo. Inclusive, **a lista de maiores quedas entre os FIs em 2021 esteve repleta de FOFs.**

André Freitas, o CEO da Hedge, vai além: “os fundos de fundos são a maior oportunidade da bolsa de valores. Eles são a expressão de um mercado disfuncional, e o ‘get me out’ do varejo”. Ou seja, por sua liquidez elevada, são a principal porta de saída dos investidores desesperados com a queda do mercado.

Além do super desconto, a economista-chefe do Inter aposta que, quando o mercado iniciar sua recuperação, os FOFs serão os primeiros a voltar aos patamares mais elevados de preço.

Para aproveitar o momento, Rafaela Vitória recomenda o **Hedge Top FOFII 3 (HFOF11)**. Da gestora de André Freitas, o FII concentra seu portfólio principalmente em cotas de fundos dos segmentos corporativos e de recebíveis, com participações também em renda urbana e shoppings centers.

Imóvel na carteira e escritura na mão

Para quem gosta de investir no setor, mas quer evitar a emoção da bolsa de valores, existe uma alternativa mais tradicional e que tem um lugar cativo no coração dos brasileiros: a **compra direta de imóveis**.

A liquidez é menor e a burocracia maior do que no investimento por

meio de fundos imobiliários. Porém, quem gosta de comprar imóveis não troca essas facilidades pela garantia de ter a posse completa e opinião majoritária nas decisões sobre o seu ativo.

“Em um fundo estamos dentro de um condomínio com vários investidores. A sua participação pode ser maior ou menor, mas, em uma discussão para tomada de decisão, o resultado pode ser diferente do caminho que você escolheria para a gestão do bem”, reforça o gestor da RBR.

E, ao contrário dos FIs, o mercado de compra e venda de imóveis não foi negativamente afetado pela pandemia.

Depois de as vendas de imóveis fecharem 2020 com alta de 9,8%, de acordo com dados da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi) estima que o crescimento acumulado no ano passado superou os 12%.

Na cidade de São Paulo, por exemplo, foram lançadas **56.439 unidades imobiliárias** entre janeiro e outubro de 2021, número 72,6% maior que os 32.696 lançamentos no mesmo período de 2020. As informações são do Secovi-SP.

As vendas de imóveis novos na capital paulista, o maior mercado e também o mais aquecido do país de janeiro a maio deste ano, também cresceram e chegaram a 52.563 unidades, cerca de 37,3% a mais que os 38.287 imóveis vendidos na mesma base de comparação.

Aluguel em alta

O Índice FipeZap, que monitora os preços de locação residencial e comercial nas capitais brasileiras, mostra que não foram só as vendas que cresceram.

O **valor do aluguel residencial avançou 0,66%** em novembro, na quinta alta consecutiva do indicador. No acumulado do ano passado, o resultado é uma elevação de 3,05% nos preços, abaixo da inflação medida pelo IPCA, de 9,26%, e pelo IGP-M, em 16,77%, no período.

Traduzindo em números os percentuais, o preço médio nas 25 cidades monitoradas ficou em em R\$ 31,28/m² em novembro. Veja as quatro capitais com os valores mais elevados:

- São Paulo: R\$ 39,55/m²;
- Recife: R\$ 34,83/m²;
- Brasília: R\$ 33,43/m²;
- Rio de Janeiro: R\$ 31,92/m².

Já o preço médio da locação comercial de salas e conjuntos com até 200 m² apresentou apenas uma ligeira alta de 0,05% em outubro - o último mês disponível para consulta. Com isso, o índice de locação acumula avanço de 1,87% entre janeiro e outubro.

O retorno médio, indicador para nortear o investidor que busca imóveis com a finalidade de obter renda de aluguéis, ficou em 5,51% ao ano. O percentual foi menor que o dividend yield - que mede o

rendimento de um ativo a partir do pagamento de dividendos - de todos os segmentos de fundos imobiliários no mesmo período. Veja abaixo:

Segmento	Yield anualizado
Recebíveis Imobiliários	12,07%
Fundos de fundos	9,81%
Híbridos/Outros	8,97%
Logístico/Industrial	8,66%
Escritórios	8,13%
IFIX	6,94%

Fonte: Santander

Mas, se você ainda assim prefere ter a escritura na mão, há alguns pontos essenciais a considerar na hora de comprar o imóvel:

- Boa localização na cidade;
- Estrutura do empreendimento;
- Rental yield, métrica usada pelo setor para calcular o retorno que um investidor provavelmente obterá por meio do aluguel, elevado;
- Documentação em ordem;
- Histórico de entrega e a qualidade dos imóveis da construtora, para empreendimentos na planta.

Entre todas elas, Bruno Nardo, da RBR Asset, reforça que a **localização** é a principal. “Você pode comprar um imóvel fantástico,

mas numa região degradada ou que não tem dinamismo econômico.
Nesse caso, vai alugar para quem?”.

BDRs e ações gringas

BDRs e ações estrangeiras têm um cenário animador adiante, apesar dos juros em alta

A economia global deve desacelerar em 2022 e os juros começarão a subir. Ainda assim, há muitas oportunidades nos BDRs e ações estrangeiras

Victor Aguiar

A essa altura do campeonato, você já está cansado de saber: **o Ibovespa amargou uma perda de mais de 10% em 2021**. Um resultado melancólico num ano que parecia promissor para a bolsa brasileira — e que fica ainda mais frustrante quando comparado aos ganhos vistos no mercado americano. Mas, se há algum consolo nesse cenário, é o de que não é preciso apenas ver a grama mais verde do outro lado da cerca; **BDRs e ações estrangeiras** são

alternativas para quem quer fugir das turbulências inerentes ao Brasil.

A alocação de recursos lá fora, aliás, é uma ferramenta importante para qualquer um. Ter um pé no exterior traz diversificação à carteira, reduzindo os riscos e ampliando o leque de possibilidades de investimento. E se você acha que comprar ativos de uma empresa estrangeira é uma tarefa difícil... Bem, eu trago boas notícias.

Hoje em dia, qualquer investidor pode comprar e vender BDRs — os recibos de ações estrangeiras que são negociados na B3. Segundo levantamento feito pela Economatica a pedido do Seu Dinheiro, **a bolsa brasileira conta atualmente com 717 BDRs**, a maior parte deles de companhias americanas.

É claro que os ativos de empresas internacionais não são um ticket para ganhos extraordinários: é preciso todo um trabalho de análise, tanto das companhias quanto do cenário macroeconômico, para entender quais oferecem os maiores potenciais de valorização. Dito isso, há alguns riscos inéditos no radar para 2022, mas também há muitas oportunidades a serem capturadas.

Afinal, se é verdade que a tendência de alta global nos juros tira o apelo do mercado de ações, também é verdade que alguns setores tendem a ser beneficiados com o ciclo ainda aquecido das commodities e o megapacote de infraestrutura a ser colocado em prática nos Estados Unidos. É uma questão, portanto, de saber navegar pelo cenário.

Neste texto, o foco é o panorama para os BDRs e ações estrangeiras – vamos falar sobre as alternativas mais promissoras e as teses de investimento que tendem a fazer preço ao longo do ano. Mas vale lembrar que há caminhos mais simples, como o dos ETFs que acompanham os índices internacionais.

Um ETF, ou fundo de índice, é um ativo negociado em bolsa que replica uma carteira de investimentos. Há ETFs que seguem o Ibovespa e outros portfólios domésticos, mas também há os que se espelham no S&P 500 ou no Nasdaq. Assim, se você busca diversificação de um jeito fácil, essa é uma opção a ser considerada.

As variáveis do mercado estrangeiro

Em primeiro lugar, é preciso entender exatamente quais fatores devem influenciar com maior intensidade o mercado global de ações. Vamos começar, portanto, com a dinâmica da economia mundial em 2022 – e, em linhas gerais, é esperada uma desaceleração no ritmo da atividade em relação ao ano passado.

O Santander Asset Management, por exemplo, prevê que o PIB global irá crescer 3,9% neste ano, um ritmo menor que os 5,9% projetados para 2021, um cenário que, em grande parte, se deve à redução dos estímulos econômicos e monetários por parte dos bancos centrais e governos no mundo todo.

Sem o dinheiro extra – e com uma inflação crescente –, a tendência é de impacto na atividade global; os riscos ainda elevados no front da pandemia, com novas variantes da Covid-19 ameaçando a reabertura econômica, e as incertezas quanto à normalização da

cadeia de suprimentos no mundo, também são fatores a serem levados em conta.

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Cenário Internacional							
PIB Global (%)	3,4	3,9	3,6	2,9	(3,3)	5,9	3,9
PIB EUA (%)	1,6	2,4	2,9	2,3	(3,5)	5,4	3,7
PIB Zona do Euro (%)	1,9	2,6	2,0	1,2	(6,6)	5,1	4,1
PIB China (%)	6,7	6,8	6,6	6,1	2,3	7,9	4,7
Taxa de juros EUA (% final de ano)	0,6	1,4	2,4	1,6	0,1	0,1	0,6

Projeções do Santander Asset Management para a economia global em 2022

A questão da retirada dos estímulos econômicos já teve um reforço importante nos primeiros dias do ano. A ata da última reunião do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) mostrou que o combate à inflação deve ser perseguido de maneira mais dura que o anteriormente sinalizado, pegando os mercados de surpresa.

O recado foi mais ou menos claro: a festa da liquidez está com os dias contados — e o processo de alta de juros nos EUA, atualmente na faixa de 0% a 0,25% ao ano, deve começar já no primeiro semestre desse ano. Com taxas mais elevadas, os títulos do tesouro americano ficam mais rentáveis, o que tira apelo da bolsa e de ativos de risco em geral.

Mas não só de política monetária vivem os mercados estrangeiros. No front da economia global, o governo chinês tem dado a entender que pretende dar estímulos ao setor de infraestrutura, o que reaquece a demanda por commodities — e o minério de ferro, extremamente sensível ao gigante asiático, já está nas máximas desde outubro.

Por fim, há o pacote trilionário de incentivo à infraestrutura a ser colocado em prática pelo governo Biden a partir de 2022. Por mais que os investimentos sejam diluídos ao longo dos próximos anos, há a expectativa de que toda uma avenida de crescimento econômico — e de empresas — seja destravado por lá.

“Trata-se de um contexto positivo e compatível com boas oportunidades no mercado externo, especialmente na Bolsa. Mas é um quadro que requer alguma cautela em função do patamar de preços mais elevado e do ciclo econômico em fase mais avançada”, avalia o Santander Asset Management.

conteúdo patrocinado

Uma maneira simples de investir no exterior sem precisar de dólar nem conta em inglês

O Brasil representa apenas 2% da economia global e tem uma moeda fraca, além de um conturbado ambiente político e econômico.

Já os Estados Unidos são a maior potência financeira do planeta, possuem um sistema democrático bem mais estável e entregam retornos consistentes na bolsa há décadas.

Sem falar que abrigam as empresas mais competitivas e inovadoras do mundo, entre elas Apple, Amazon e Microsoft, mas também algumas não tão famosas, mas que estão por trás de negócios bilionários.

Apesar disso, muita gente ainda não investe no exterior por achar

que é preciso ter conta nos EUA, por exemplo, ou ter dólar disponível, e até simplesmente por não saber o quão fácil pode ser o processo.

Neste fundo, por exemplo, você aplica a partir de R\$ 100 e deixa seu dinheiro aplicado nas mais sólidas empresas e com maior potencial de valorização do planeta, tudo isso com poucos cliques e sem complicação.

Nos últimos 12 meses (até meados de janeiro), por exemplo, ele rendeu 16,51%, enquanto o Ibovespa caiu 15,01%.

QUERO CONHECER A FORMA MAIS SIMPLES DE INVESTIR NO EXTERIOR SEM SAIR DO BRASIL

As bolsas subiram demais?

Além do quadro descrito acima, também é preciso levar em conta o preço relativo dos ativos internacionais. Veja as bolsas americanas: **ao longo de 2021, o S&P 500 avançou impressionantes 27%** — o Nasdaq, com ganhos de 22%, e o Dow Jones, com alta de 19%, não ficam muito para trás.

Com uma valorização tão intensa, muitos começam a se questionar quanto à sustentabilidade do atual nível de preços de muitas ações em Wall Street. Ainda há espaço para ganhos adicionais, ou a iminente alta de juros no país vai erodir o avanço das bolsas?

Felipe Mattar, sócio-fundador e CIO da Atmosphere Capital, pondera

que o bom desempenho dos índices em 2021 foi acompanhado pela expansão no lucro das empresas, sem que houvesse uma grande distorção entre preços e fundamentos. Dito isso, o cenário para 2022 é bem menos favorável para as bolsas.

A alta nos juros, afinal, tende a provocar uma migração de recursos rumo às Treasuries, reduzindo o ânimo do mercado acionário; por outro lado, a perspectiva de crescimento ainda robusto da economia americana, somada à continuidade na expansão dos lucros das empresas, é capaz de compensar boa parte desse baque.

A tendência da bolsa americana ainda é de alta. Nada como o que vimos em 2021, mas podemos falar em algo como 5% a 10%

Felipe Mattar, sócio-fundador e CIO da Atmosphere Capital

O especialista acredita que, para 2022, a tendência é de rotação nos setores da bolsa americana: hoje, uma parte relevante das alocações está nas empresas cujo valor reside no longo prazo, como as de tecnologia – justamente as que mais são prejudicadas pelo aumento nos juros.

Sendo assim, abrem-se oportunidades nas companhias mais cíclicas e ligadas à “economia real”, especialmente as que são mais imunes às pressões inflacionárias. “Enquanto os setores de múltiplos mais elevados, que foram os que andaram bem no pós-covid, estão

acima da média histórica, os setores mais cíclicos ainda estão com desconto”, diz Mattar.

E como ficam as big techs?

O ponto levantado pelo CIO da Atmosphere traz à tona uma questão imediata: se os juros altos impactam diretamente o setor de tecnologia, isso quer dizer que as ‘big techs’ – empresas como Apple, Google, Amazon, Meta/Facebook e Microsoft – não vão ter um bom desempenho em 2022?

Bem, há algumas questões a serem levadas em conta. Em primeiro lugar, é preciso compreender os motivos pelos quais as taxas de juros mais altas afetam as empresas de crescimento mais intenso. Há, naturalmente, o impacto que esse cenário traz à economia, pressionando o ritmo de expansão na atividade, mas não é só isso.

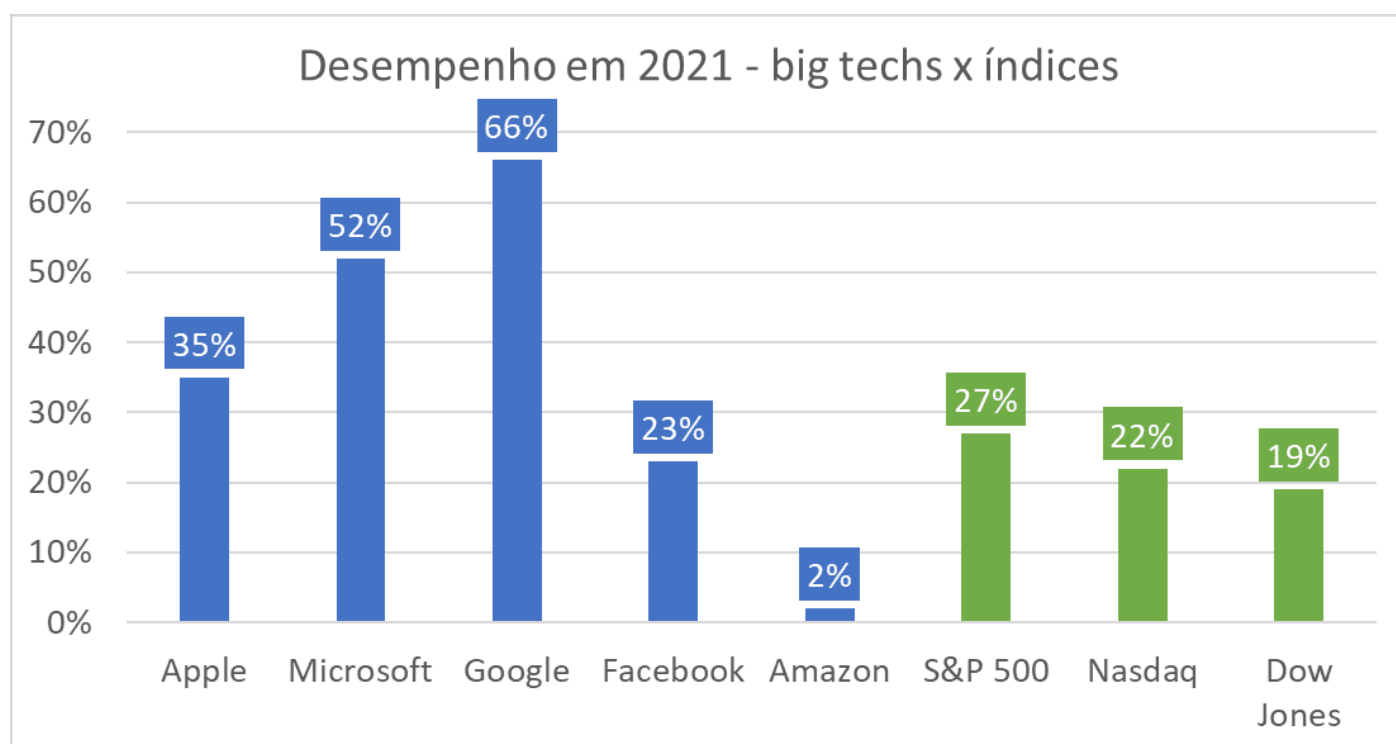
Há uma questão técnica de precificação de ativos na bolsa. Para se determinar o preço justo de uma ação, muitas vezes usa-se um método de cálculo conhecido como fluxo de caixa descontado. De maneira resumida, ele consiste no cálculo dos resultados de uma empresa ao longo dos anos e, usando-se uma taxa de desconto, traz-se esses números ao valor presente.

O ponto é que empresas de crescimento muito intenso, como as do setor de tecnologia, muitas vezes não dão lucros no presente – a promessa é a de que os retornos virão com fartura em algum momento. Então, o fluxo de caixa dessas companhias é bem mais concentrado no futuro.

Só que, com juros mais altos, a taxa de desconto usada no cálculo também aumenta. Ou seja: o que parecia bastante promissor fica bem menos atrativo, ao se trazer tudo ao valor presente.

Feita essa explicação, o estrategista da Genial Investimentos, Filipe Villegas, lembra que há uma diferença bem grande entre as empresas de tecnologia que ainda estão no início do ciclo de maturação e as big techs – e, sendo assim, não faz sentido colocar uma fintech recém fundada no mesmo pacote que a Amazon.

“O crescimento das big techs está mais ligado ao crescimento econômico, e elas não negociam a múltiplos tão elevados em comparação com outras empresas de tecnologia que nem geram lucro”, diz. “Juro subindo é ruim para as techs, mas é muito pior para as muito alavancadas”.



Levantamento: Seu Dinheiro

BDRs e ações estrangeiras: as apostas

Feitas todas essas ponderações, os analistas e especialistas ouvidos pelo Seu Dinheiro mostram um consenso quanto à estratégia de alocação em BDRs e ações estrangeiras. De fato, os setores cíclicos aparecem com destaque nas indicações, mas as big techs e as teses que se mostraram resistentes nos últimos anos também têm espaço.

Dentro dos setores cíclicos e mais tradicionais, Felipe Mattar, da Atmosphere, se diz particularmente otimista com as empresas de infraestrutura e de energia limpa, dado o potencial de valorização atrelado ao pacote trilionário do governo Biden.

“Em sua grande maioria, são companhias que já têm operações sólidas e que vão aumentar os investimentos, as aquisições e os gastos em pesquisa e desenvolvimento”, diz. “Não são empresas que dobram a receita todo ano, mas vão crescer de 15% a 20%, com reflexos no Ebitda”.

Nesse sentido, ele recomenda uma alocação maior no setor industrial e químico, fazendo apostas em companhias ligadas à produção de hidrogênio azul – uma fonte de energia mais limpa que a usada na atual matriz energética. Dentro desse universo, ele destaca a **Air Products (A1PD34)** e a **Linde Group (L1IN34)** como duas boas opções para ter exposição ao tema.

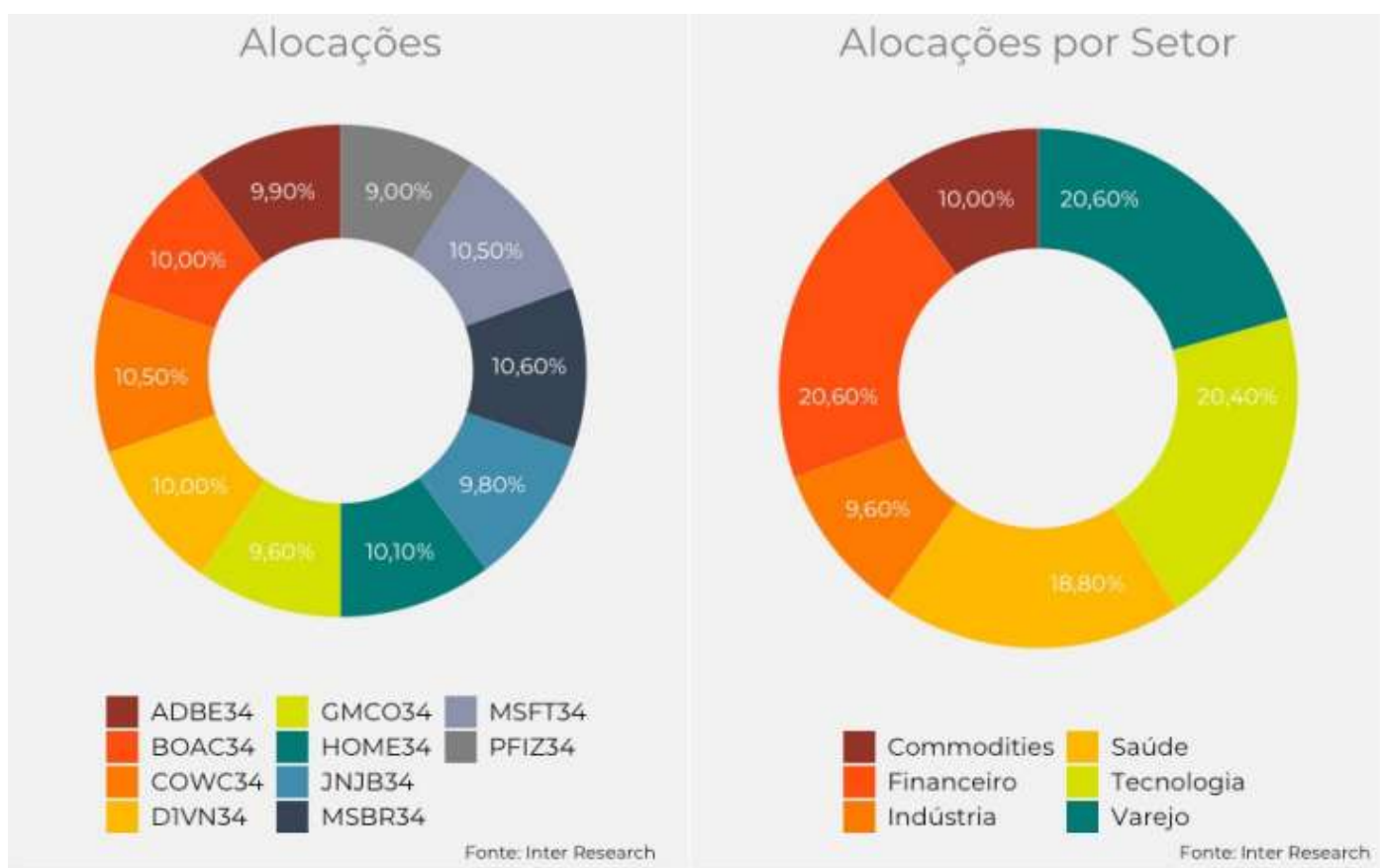
Por outro lado, Mattar pondera que, por mais que a transição energética seja uma tendência crescente, não faz sentido deixar de lado as empresas da cadeia de óleo e gás, já que essa matriz continuará sendo usada por um bom tempo – e os preços do

petróleo seguem em níveis relativamente elevados.

Um exemplo de petroleira vista com bons olhos pela Atmosphere é a **Devon Energy (D1VN34)**, companhia geradora de caixa e que possui múltiplos descontados na bolsa americana. “Eles não estão investindo em produção de petróleo enquanto não entenderem a transição energética. Estão retornando o excedente [de caixa] aos acionistas”.

E, no que diz respeito ao setor de bens de capital em si, Mattos cita empresas como a **Ball Corp (B1LL34)** – um nome forte na cadeia de embalagens – e a **General Electric (GEO034)** como potenciais vencedoras do ciclo de incentivo à infraestrutura nos EUA.

O Banco Inter também mostra otimismo com os segmentos mais ligados à “economia real”: indústrias, saúde e varejo representam quase 50% da carteira recomendada de BDRs para janeiro.



Chama a atenção o peso bastante elevado da **Pfizer (PFIZ34)** e da **Johnson & Johnson (JNJB34)**, dando continuidade à tese de investimento relacionada à Covid-19 e seus desdobramentos. “É uma indústria que se destacou nos últimos anos, mas que continua forte. A pandemia deixou uma evolução no setor que foi muito rápida”, diz Rafaela Vitória, economista-chefe do Inter.

E mesmo o setor de tecnologia, com seus mais de 20% de presença no portfólio, também tem suas particularidades. A **Microsoft (MSFT34)**, sozinha, tem mais de 10% de peso, corroborando com a percepção de que as big techs ainda tem espaço para avançar, apesar dos desafios que a alta de juros impõe ao segmento.

No mais, o tradicional setor financeiro tem presença garantida, com posições elevadas em **Bank of America (BOAC34)** e **Morgan Stanley (MSBR34)**.

BDRs: olhando para o retrovisor

Veja abaixo os 10 BDRs de melhor desempenho em 2021, de acordo com levantamento feito pela Economática:

Empresa	País	Setor	Código	Retorno em 2021
Biontech	Alemanha	Saúde	B1NT34	+228%
Devon Energy	EUA	Energia	D1VN34	+211%
Bath & Body Works	EUA	Consumo	B1BW34	+185%

Marathon Oil	EUA	Energia	M1R034	+164%
Fortinet	EUA	Tecnologia	F1TN34	+163%
Ford Motors	EUA	Automotivo	FDM034	+146%
Moderna	EUA	Saúde	M1RN34	+144%
NVIDIA	EUA	Tecnologia	NVDC34	+142%
Macy's	EUA	Consumo	MACY34	+142%
Diamondback Energy	EUA	Energia	F1AN34	+136%

Levantamento: Economatica

Repare que alguns temas que renderam lucros no ano passado continuam presentes entre as preferências dos analistas para 2022. O setor de saúde, por exemplo, segue como um dos preferidos, mas com mudanças estratégicas de alocação – Biontech e Moderna, que estiveram entre os destaques em 2021, já não são tão citadas.

No segmento de tecnologia, as big techs não estiveram no top 10. Por outro lado, empresas que conseguem crescer num ritmo elevado e entregar lucros, como a NVIDIA, foram muito bem; a tendência é a de que empresas com esse perfil se mostrem vencedoras dentro desse setor.

“BDRs representam uma maneira de acessar investimentos no exterior com um custo baixo, trazendo uma boa diversificação”, diz Rafaela Vitoria, do Inter. “Acreditamos que uma alocação um pouco maior no exterior via ações adiciona um retorno maior e reduz o risco do portfólio”.

Dólar, ouro e proteções

Como ter dólar e ouro e fazer hedge de verdade para proteger os seus investimentos

A exposição a riscos no mercado financeiro demanda posições que evitem dilapidação do patrimônio financeiro, como em ouro e dólar

Ricardo Gozzi e Carolina Gama

O amadurecimento do no Brasil acrescentou ao léxico do investidor pessoa física um termo que até bem pouco tempo atrás era um jargão quase exclusivo de operadores de mesa e grandes investidores: *hedge*.

O termo até poderia ter sido traduzido como “defesa” ou “**proteção**”, mas vivemos em um país bastante chegado a um estrangeirismo.

Diante disso, fazer *hedge* é cada vez mais compreendido entre os pequenos investidores sem a ajuda de um dicionário.

E se até alguns anos atrás o *hedge* era usado apenas por profissionais, nos últimos tempos ele deixou de ser uma entidade etérea e passou a ser aplicado na prática por agentes do mercado que nunca chegaram nem ao menos perto de uma mesa de operação.

Diversificação e proteção

Qualquer investidor em busca de ajuda profissional ouvirá de seu **planejador financeiro** a necessidade de fazer *hedge*. Ou você acha que é à toa que as recomendações de investimento vêm invariavelmente acompanhadas de orientações sobre **diversificação** e as devidas proteções?

Afinal, a exposição a riscos no mercado financeiro demanda posições que evitem dilapidação do patrimônio financeiro. Neste sentido, uma máxima levada a ferro e fogo pelo é: “**sempre tenha dólar na carteira**”, qualquer que seja a cotação da moeda norte-americana.

Mas o **dólar**, apesar de ser a forma de *hedge* mais comum e preferida dos brasileiros, não é a única. O bom e velho **ouro** é outro ativo muito interessante para quem busca proteção.

No decorrer desta reportagem, que faz parte da nossa série sobre **Onde investir em 2022**, vamos explicar para você por que e como fazer *hedge* e o que esperar do dólar e do **ouro** neste ano que se

inicia.

conteúdo patrocinado

Tenha dólar, ouro e moeda-forte para se proteger de riscos, mas sem precisar ter cofre em casa

Os últimos dois anos deixaram claro para o investidor a importância de ter parte de seu patrimônio alocado em ativos de proteção (hedge), essenciais para sustentar o seu portfólio em meio a crises.

Entre os principais mecanismos de reserva de valor utilizados pelo mercado estão o dólar e outras moedas fortes, como euro, iene e franco suíço, além do bom e velho ouro.

Se já é prudente ter um percentual da carteira com esses ativos em “condições normais de temperatura e pressão”, imagine o quão crucial isso se torna em meio a um 2022 que começa com ômicron e juros altos em todo o mundo.

Para nós, brasileiros, a coisa fica ainda mais essencial em um momento de eleições polarizadas, inflação batendo dois dígitos e risco fiscal.

Estes investimentos oferecem uma possibilidade simples e rápida para você deixar parte do seu patrimônio em moedas e metais, investindo em reais e com poucos cliques, sem a necessidade de ter um cofre em casa, mas apenas um CPF válido.

O que esperar para o dólar e o ouro em 2022

Prever a trajetória da taxa de **câmbio** não é tarefa fácil. Há quem diga ser impossível.

“No início de 2021 a gente falava em dólar a cinco reais no fim do ano, mas isso não se confirmou”, constata Zeller Bernardino, que até recentemente cuidava da mesa de câmbio da Valor Investimentos.

De qualquer modo, em um ano eleitoral, como é o caso de 2022, uma coisa você pode esperar com certeza: volatilidade.

Ano eleitoral e volatilidade para o dólar

Anos eleitorais costumam ser extremamente voláteis nos mercados financeiros, mas principalmente na taxa de câmbio. Um candidato preferido pelo mercado desponta nas pesquisas e o dólar cai. Outro candidato nem tão querido assim pelo mundo das finanças começa a ficar em vantagem e o dólar sobe.

“Se o cenário de instabilidade se mantiver e o Fed der sinais de que reduzirá ainda mais os estímulos, a tendência é de que o dólar suba mais”, prossegue Bernardino.

O ouro, por sua vez, escapará imune às mazelas brasileiras no

decorrer de 2022 e, na ausência de uma crise internacional em grande escala, deve se manter relativamente estável em relação às cotações atuais.

É importante lembrar que nos primeiros meses da pandemia o ouro flertou com sua máxima histórica.

Depois de ter ido a mais de **US\$ 2.100 por onça-troy** em julho de 2020, os contratos futuros mais líquidos foram cedendo terreno nos meses seguintes e agora orbitam a faixa entre US\$ 1.700 e US\$ 1.800 por onça-troy. Em bom português, isto significa cerca de R\$ 10 mil por míseros 28,3495 gramas de ouro.

Na avaliação de analistas da BMO Capital Markets e da UBS Global Wealth Management e de especialistas consultados pela Reuters, a expectativa é que o ouro se mantenha nessa faixa ao longo de 2022 à medida que a produção do metal se recupera do **choque** ocorrido com a chegada da pandemia.

Ouro pode surpreender

Entretanto, há quem veja espaço para uma apreciação considerável do ouro nos próximos meses. E o autor da previsão tem lá seu *pedigree*.

Byron Wien é vice-presidente da gigante de *private equity* Blackstone. Ele é conhecido por formular – e divulgar – anualmente uma lista de dez surpresas para o ano nos mercados financeiros.

Ex-estrategista-chefe de investimentos do Morgan Stanley nos EUA,

Wien está na Blackstone desde 2009, mas faz sua lista há 37 anos. E com um grau considerável de acerto.

Um dos dez eventos surpreendentes esperados por Wien para este ano é uma **alta de 20% no preço do ouro**.

“Apesar do forte crescimento nos Estados Unidos, os investidores buscam a segurança percebida e a proteção contra a inflação do ouro em meio à alta dos preços e da volatilidade. O ouro recupera seu título de paraíso para os bilionários recém-formados, mesmo com as criptomoedas continuando a ganhar participação no mercado.”

Byron Wien, vice-presidente da Blackstone

Caso a projeção se confirme, é provável que o ouro atinja novos recordes em 2022.

Como investir em dólar

Investimentos em dólar e ouro são vistos como posições estruturais que todo investidor, não só o brasileiro, deve ter na carteira. Mas você conhece as opções disponíveis para isso?

Atualmente, existem algumas **alternativas de investimento** em

dólar que incluem fundos de índice (ETF, na sigla em inglês), fundos cambiais, recibos de ações (BDR), contratos futuros, mercado de opções, além da boa e velha compra direta da moeda.

Alexandre Netto, head de câmbio e derivativos da Acqua-Vero, lembra ainda que é possível ter uma conta em dólar no exterior como uma alternativa de investimentos em dólar.

É bom ressaltar que o investimento em dólar provavelmente não vai deixar você milionário. Por ser a moeda mais forte do mundo e por ter historicamente uma correlação diametralmente oposta à dos ativos de risco brasileiros, como bolsa e juros. É por isso que é indicado como uma proteção ou um amortecedor para o portfólio.

“A taxa de câmbio sinaliza a oferta de dólar na economia. Quando entra dólar no país, cai. Quando sai, sobe. E a bolsa tem uma correlação oposta à da bolsa. Em momentos de volatilidade, ele contrabalança”, explica Zeller Bernardino, que até recentemente cuidava da mesa de câmbio da Valor Investimentos.

Dois fundos cambiais para investir

Para Bruno Mérola, analista da Empiricus responsável por fundos de investimento, a melhor maneira de investir em dólar ou ouro é via **fundos de investimento indexados**, ou seja, que têm o objetivo de acompanhar as flutuações desses ativos.

“E, quando falamos de fundos indexados, uma condição necessária é que sejam baratos, custando quase nada”, afirma Mérola.

Desde 2020, os únicos fundos que a Empiricus recomenda para o investidor se expor nesta classe têm taxas muito baixas, como **Vitreo Dólar**, que cobra 0,05% ao ano, e **BTG Pactual Digital Dólar**, com 0,10%.

Dólar também protege contra a inflação

Rafael Panonko, analista-chefe da Toro Investimentos, chama atenção para o fato de que o dólar é uma proteção não só para crise como também para a inflação. “Nos últimos 15, 20 anos os investimentos em dólar proporcionaram rendimento acima da média”, diz.

Outra maneira de se expor em dólar – nesse caso assumindo mais riscos – é via ETFs (fundos de índice) de ações norte-americanas. Panonko destaca o **IVVB11**, ETF negociado na B3 que replica, em reais, a performance do **S&P 500**, o índice norte-americano que reúne as 500 maiores companhias de capital aberto dos Estados Unidos.

“O IVVB11 negocia aqui em reais apesar de ser um instrumento em empresas norte-americanas que lucram em dólar. Se o dólar se valoriza frente ao real, o ETF também se valoriza.”, afirma o analista da Toro.

Vale lembrar, porém, que no caso do IVVB11 o investidor está exposto só ao risco cambial como também ao do índice S&P 500. Ou seja, não se trata de um ativo com finalidade específica de hedge.

Como investir em ouro

Se o dólar é o “seguro” para ativos de risco brasileiros, o ouro costuma desempenhar o mesmo papel para ativos de risco globais.

Mas não é por se tratar de um chamado “porto seguro” que se deve agir de maneira descuidada. Assim como no caso do dólar, a Empiricus recomenda fundos com taxas de administração mais baixas para quem deseja ter uma parcela da carteira exposta ao ouro.

É o caso do **BTG Pactual Ouro** (sem exposição cambial, ouro puro), com taxa de 0,13%; o **Vitreo Ouro** (com exposição cambial + ouro), com taxa de 0,14%; e o **BTG Pactual Ouro USD** (com exposição cambial + ouro), com taxa de 0,13%.

Mérola diz que o ouro costuma ser a proteção contra aquilo que não sabemos que pode acontecer.

“Em condições normais de temperatura e pressão, o rendimento do ouro costuma ser bem baixinho e é nas grandes crises que ele tende a se valorizar como reserva de valor, algo físico que os investidores acreditam que, se tudo der errado, continuará tendo algum valor intrínseco”, diz.

Outra dinâmica para o metal, de acordo com o analista da Empiricus, é o nível de taxas de juros reais (juros menos inflação).

“Geralmente, quanto menores são as expectativas de juros reais, mais o ouro deve se valorizar, porque o custo de oportunidade de carregá-lo na carteira diminui. Períodos de juros muito baixos e/ou inflação muito alta costumam ser bons para ouro.”

ETFs também são boas alternativas em ouro

Assim como no caso da moeda norte-americana, os ETFs são alternativas para se ter o metal precioso na carteira, junto com fundos de investimento e empresas ou contratos futuros.

“O ETF é a maneira mais fácil de investir em ouro, já que o fundo se valoriza diante da alta do ouro. Já os fundos de investimento contam com outros metais preciosos no mix. Eles são diferentes do ETF, que tem uma gestão passiva”, explica Panonko, da Toro Investimentos.

Ele cita o **Trend ETF LBMA Ouro (GOLD11)**, que é o primeiro ETF de ouro criado no Brasil. Os investimentos em lotes são feitos a partir de 50.000 cotas no mercado primário.

O ativo, gerido pela XP Asset Management, é um ETF que busca replicar a performance do preço do ouro, em dólar, por meio do Fundo de Índice iShares Gold Trust, gerido pela Blackrock, a maior gestora de recursos do mundo.

“Temos também o **BIAU39**, que é um BDR de ETF que segue o iShares COMEX Gold Trust e tem o banco B3 como instituição depositária”, diz Panonko.

Segundo ele, outra forma de investimento em ouro é via empresas. Ele cita a Aura (AURA33), que tem BDRs no Brasil. O **BTG Pactual possui recomendação de compra para a companhia.**

“O ouro é investimento para momentos de crise, de risco. Em prazos maiores, não oferece tanta atratividade, até por ser metal. Um quilo de ouro hoje continua sendo um quilo amanhã, você tem só oscilação de preços. Diferente de empresa, que tem dividendo, que se valoriza”, acrescenta Panonko.

O analista da Toro não aconselha investimento em ouro via **contratos futuros**. “A liquidez é pequena e é um mercado que não é fácil para o investidor mais leigo”, afirma.

Créditos

Esse conteúdo foi produzido pela
equipe do [Seu Dinheiro](#).

Saiba mais sobre o projeto [aqui](#).

Reportagem

Jasmine Olga

Julia Wiltgen

Ricardo Gozzi

Victor Aguiar

Renan Sousa

Larissa Vitória

Carolina Gama

Coordenação

Vinícius Pinheiro

Caio Nascimento

Design e Diagramação

Andrei Morais

Edição

Vinícius Pinheiro

Imagens

Shutterstock

Siga o [Seu Dinheiro](#) nas Redes Sociais

